

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Gabriela Nascimento Rodrigues

Vincular:

Arquitetura como elo entre gerações

Goiânia
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Gabriela Nascimento Rodrigues

Título do trabalho: Vincular: Arquitetura como elo entre gerações

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Nascimento Rodrigues, Discente**, em 27/11/2025, às 09:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Frederico Andre Rabelo, Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2025, às 07:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5797050** e o código CRC **D5E82A42**.

Referência: Processo nº 23070.059888/2025-25

SEI nº 5797050

Vincular:

Arquitetura como elo entre gerações

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela/Licenciada em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Frederico André Rabelo

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Nascimento Rodrigues, Gabriela
Vincular - Arquitetura como elo entre gerações [manuscrito] /
Gabriela Nascimento Rodrigues. - 2025.
CXLIII, 143 f.: il.

Orientador: Prof. Frederico Rabelo.
Trabalho de Conclusão de Curso Stricto Sensu (Stricto Sensu) -
Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV),
Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2025.
Bibliografia.

1. Pessoa idosa. 2. Criança. 3. Intergeracionalidade. 4. Lúdico. I.
Rabelo, Frederico , orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos três dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Vincular: Arquitetura como elo entre gerações”, de autoria de Gabriela Nascimento Rodrigues, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo prof. Ms. Frederico André Rabelo - orientador (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.ª Dr.ª Adriana Mara Vaz de Oliveira (FAV/UFG); Prof. Dr. Fernando Antonio Oliveira Mello (FAV/UFG); e prof.ª Ms.ª. Camilla Pompêo de Camargo e Silva - membra externa(PUC-GO). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,0**, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Frederico Andre Rabelo, Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2025, às 07:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2025, às 07:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antonio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 16/12/2025, às 11:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilla Pompêo de Camargo e Silva, Usuário Externo**, em 21/01/2026, às 14:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5797065** e o código CRC **183850D7**.

Resumo

A intenção deste trabalho é desenvolver a concepção de um centro intergeracional que promova a integração entre infância e velhice em um mesmo espaço físico e simbólico, tendo a arquitetura como ferramenta essencial para a construção de vínculos, pertencimento e troca entre diferentes gerações. A proposta parte da união de três núcleos fundamentais – uma creche, uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) e espaços de convivência compartilhados – que, juntos, formam um tecido de relações sensíveis.

Parte-se da compreensão de que o brincar, mais do que uma atividade da infância, é uma linguagem universal, potente e sensível, capaz de atravessar idades e criar pontes entre mundos muitas vezes distanciados pela lógica institucional vigente. Nesse sentido, acredita-se que os espaços projetados podem agir como mediadores ativos desses encontros, oferecendo suporte material, simbólico e emocional para o florescimento de vínculos genuínos. Através dessa abordagem, a proposta convida a repensar os modos de habitar, de cuidar e de brincar, apostando na potência das relações humanas para transformar os espaços e, com eles, as experiências de vida.

Palavras-chave: Pessoa idosa, Criança, Intergeracionalidade, Lúdico.

Abstract

The aim of this work is to develop the concept of an intergenerational center that promotes integration between childhood and old age within the same physical and symbolic space, using architecture as an essential tool for building bonds, belonging, and exchange among different generations. The proposal is based on the union of three fundamental cores – a daycare center, a long-term care institution for the elderly, and shared living spaces – which together form a fabric of sensitive relationships.

This project stems from the understanding that play, more than just an activity of childhood, is a universal, powerful, and sensitive language capable of bridging ages and creating connections between worlds often separated by current institutional logic. In this sense, it is believed that designed spaces can act as active mediators of these encounters, providing material, symbolic, and emotional support for the flowering of genuine bonds. Through this approach, the proposal invites a rethinking of the ways of inhabiting, caring, and playing, embracing the power of human relationships to transform spaces – and, through them, life experiences.

Keywords: Elderly person, Child, Intergenerationality, Playful.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais por tudo que sempre fizeram por mim, vocês são a minha base. em especial à minha mãe por ter feito de tudo para que eu fosse feliz e independente. Aos meus irmãos Felipe e Mateus, por todo suporte e ajuda ao longo do curso, cada um da sua forma. Aos meus avós Maria Ana do Nascimento, Duda e Joselito Pereira por todo cuidado e afeto. À vó Gil, minha primeira professora, pelo seu colo gigantesco que permanece estará para sempre aqui comigo, por tudo que vivemos por ter me ensinado tanto, por ter me inspirado, ter sido a razão de tanta coisa sobretudo da escolha do tema.

Ao professor Frederico Rabelo por ter aceitado entrar nesse universo lúdico e ter me guiado nesse caminho de descobertas e aventuras de uma forma tão tranquila e segura. Ao professor Bráulio Romeiro por ter me mostrado varias perspectivas para a arquitetura e para vida tão cedo no curso. Ao professor Fernando Mello, por todas as conversas, pelo encorajamento de pensar fora da arquitetura. À professora Adriana Vaz por sua firmeza doce, que dá segurança no processo de aprendizado. A todos os professores do curso, meu muito obrigada.

Aos meus amigos Brunna, Débora e José Humberto por terem sido pacientes na minha ausência durante o curso. À Julia Nogueira minha dupla de projeto antes mesmo de ser, por todas as conversas, desabafos, por toda conexão que tivemos desde o inicio do curso, por todas as palavras, ate as que não precisavam ser ditas. Às minhas amigas Fernanda Sagan, Izadora Matos, Daniela Santos, Marize Tomaz e Marianne Tomaz, pela arte, pelos cafés, pelo incentivo a uma vida saudável no meio do caos que é o nosso curso.

Ao Felipe Lima, meu namorado que está comigo desde o inicio do curso, por todo apoio, calma, acolhimento, força e paciência.

Essa jornada teria sido imensamente mais difícil sem cada um de vocês.

De uma neta que se divertia e aprendia muito com a sua avó
Para uma avó que cuidava e ensinava muito a essa neta

Sumário

Despertando a imaginação	15
Descobertas e aventuras	19
Brincar	20
O lugar da brincadeira	21
Os brincantes	23
Mas por que eles?	24
Casas onde o tempo brinca devagar	26
O lugar de brincar e aprender	29
O que o mundo já desenhou	33
Creche + Residência da terceira idade	34
Vila para Pessoas com Alzheimer	40
Escola Parque	46
SESC Pompeia	50
Maggie's Leeds Center	54
Quadro síntese	58
Cenário de memórias	61
Processo de escolha do lugar	62
Uso do solo e análise viária	66
Volume do entorno e paisagem	70
Topografia, insolação e ventos	71
Costurando histórias no espaço	73
Programa de necessidades	74
Fluxograma	77
Diretrizes e partido	78
Estudo preliminar	82
Legado de saberes	141
Moral da história	142
Referências Bibliográficas	144

01

**Despertando a
imaginação**

Este trabalho propõe a criação de um centro intergeracional que articule infância e velhice por meio da arquitetura, acolhendo uma creche, uma ILPI e espaços de integração entre gerações. A proposta nasce do desejo de explorar a arquitetura como mediadora de vínculos e afetos entre os extremos da vida, entendendo o brincar como linguagem comum e o espaço como um corpo ativo nessa troca.

A base teórica do projeto está ancorada em autores como Johan Huizinga, que em *Homo Ludens* destaca o brincar como dimensão essencial da experiência humana, e Juhani Pallasmaa, que em *Habitar* ressalta o papel sensorial da arquitetura na formação das memórias e na percepção do mundo. O espaço não é tratado aqui como um mero suporte, mas como um agente que toca, envolve, provoca e acolhe, transformando-se num personagem vivo, capaz de ensinar, curar e conectar.

A brincadeira, como lembra a etimologia da palavra “brincar” — oriunda de *vinculum*, ligação — é um gesto de afeto, uma ação que conecta. Ao brincar, forma-se um laço. E, quando isso ocorre entre uma criança e um idoso, duas temporalidades aparentemente distantes se encontram e geram algo novo: sensibilidade, aprendizado e pertencimento. Este projeto pretende investigar como o espaço pode ser desenhado para permitir essa experiência compartilhada, em que o tempo não separa, mas aproxima.

Com o envelhecimento da população brasileira e a queda na taxa de natalidade, torna-se urgente pensar espaços que estejam preparados para essa demanda populacional. A pirâmide etária está mudando, e com ela também devem mudar os paradigmas da arquitetura pública e dos equipamentos de cuidado.

Nas crianças, desperta-se a empatia e o respeito; nos idosos, promove-se o envelhecimento ativo, o pertencimento e o resgate da própria história. Essa troca é mais do que uma coincidência etária: ela é uma oportunidade de cura, escuta e reinvenção dos vínculos humanos.

O projeto parte da compreensão de que o brincar, a memória e o cuidado são práticas espaciais. A ILPI e a creche, ao compartilharem o mesmo território, deixam de ser espaços de isolamento para se tornarem partes de uma pequena comunidade que aprende, cria e descansa em

conjunto. O espaço proposto não dita regras; ele convida. Não só abriga o brincar, mas também brinca. Ele é sombra e claridade, silêncio e voz, descanso e invenção.

A arquitetura aqui não busca prever tudo, mas criar uma estrutura que acolha o imprevisível. As salas são transformáveis; os pátios, convidativos; as circulações, espaços de pausa e de imaginação. Degraus se tornam palcos, janelas viram molduras, paredes abraçam. O corpo é o ponto de partida — e também o lugar de chegada. Neste trabalho, o espaço se torna um personagem ativo da troca entre gerações. Um lugar onde a memória encontra a brincadeira, o cuidado encontra a escuta, e o tempo brinca devagar — não porque parou, mas porque decidiu dançar junto.

Ao propor esse centro intergeracional, o projeto não busca apenas atender a uma necessidade funcional de infraestrutura urbana, mas tensionar os modos como os espaços sociais são desenhados, acessados e experienciados. Ele propõe uma nova gramática arquitetônica, sensível aos afetos e ritmos de quem vive nas bordas da produtividade, nos extremos da linha da vida. Aqui, a criança e o idoso não são tratados como sujeitos “à parte”, mas como protagonistas de um modo de habitar mais lento, mais escutado e mais humano. Essa reconfiguração espacial é também uma tentativa de resgatar o sentido de comunidade, de interromper o ciclo de solidão e afastamento que marca tanto o envelhecimento quanto a infância contemporânea.

Ao longo do processo, foi possível perceber como a arquitetura pode também acolher histórias, abrir espaços de encontro e traduzir afetos em forma. Ao experimentar as relações entre o brincar e o habitar, entre o cuidar e o conviver, a proposta vai se moldando com delicadeza, buscando compreender como infância e velhice podem ocupar um mesmo território de maneira fluida e respeitosa. Não se trata de encontrar fórmulas ideais, mas de sugerir caminhos possíveis — espaços onde o tempo tenha liberdade para desacelerar e onde as gerações possam, ao se aproximar, reconhecer e partilhar seus ritmos, silêncios e invenções.

02

**Descobertas e
aventuras**

Brincar

A origem da palavra “brincar” está profundamente ligada à ideia de criar laços. Derivada do latim vinculum — que significa ligação ou conexão — a palavra passou por transformações até se tornar “brinco” e, posteriormente, “brincar”. Essa raiz etimológica nos revela algo essencial: ao brincar, estamos, de certa forma, tecendo vínculos. E isso não faz todo o sentido? Afinal, a brincadeira é, por natureza, um gesto de aproximação, de afeto e de partilha.

Johan Huizinga, historiador e linguista holandês, em seu livro *Homo Ludens* contribui para uma reflexão acerca do jogo:

Resumindo as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como 'não séria' e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira imensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinhar sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes. (Huizinga, 2019, p. 16)

Em seu livro ele não separa o jogo como uma atividade apenas presente na infância, mas presente em toda a vida humana.

Embora jogo e brincadeira possam ser conceitualmente diferenciados — especialmente quando se consideram suas estruturas e finalidades —, ambos compartilham a natureza lúdica que suspende o cotidiano, permite a imaginação, a experimentação e a criação de sentido. A brincadeira frequentemente nasce do jogo, assim como o jogo pode se transformar em brincadeira. Sendo assim, o trabalho adota a noção de brincadeira como prática simbólica e relacional, porque ela traduz melhor os vínculos emocionais e intergeracionais.

“No caminho, antes, a gente precisava de atravessar um rio inventado. Na travessia o carro afundou e os bois morreram afogados. Eu não morri porque o rio era inventado.”

Manoel de Barros

O lugar da brincadeira

Como o espaço está ligado com as emoções? Como a arquitetura pode instigar sensações? O filósofo Jhuani Pallasmaa traduz a fenomenologia para arquitetura e explica como se dá essa relação quando diz que “As emoções que derivam da forma e do espaço surgem a partir de diferentes confrontos entre o homem e o espaço, entre a mente e a matéria.” Não se trata de objetos, mas de ações frente àqueles. Entrar dentro de casa não é apenas sobre a fachada, a cor do muro e o material do portão, mas o frescor dali de dentro contrastando com o calor do lado de fora, a mudança de estado, a calma, tudo que essa ação envolve.

O desenvolvimento do projeto partirá disso, de pensar nas ações do usuário antes da forma, da estética e da função. Particularmente o lúdico, que tem um espaço próprio, um mundo temporário dentro do habitual (Huizinga, 2019):

O lúdico e o competitivo, elevados àquele plano de seriedade sagrada que toda sociedade exige para sua justiça, continuam perceptíveis ainda hoje em todas as formas da vida jurídica. Antes de mais nada, o tribunal pode também ser chamado uma “corte” de justiça. Essa corte é ainda, no sentido pleno do termo, o hieros cyclos, o círculo sagrado dentro do qual, no escudo de Aquiles, aparecem sentados os juizes. Todo lugar onde se ministra a justiça é um verdadeiro temenos, um lugar sagrado, separado e afastado do mundo vulgar. Em flamengo e holandês antigo, a palavra que o designa é vieschaar, o que, à letra, quer dizer um espaço delimitado por quatro cordas ou, segundo uma outra interpretação, por quatro bancos. Mas seja quadrado ou redondo, de qualquer forma é sempre um círculo mágico, um recinto de jogo no interior do qual as habituais diferenças de categoria são temporariamente abolidas. (Huizinga, 2019, p. 100)

Como o espaço poderia ter alguma influência sobre a brincadeira? Um espaço brincante não necessariamente é aquele que traz o maior número de estímulos prontos, mas sim aquele que permite que o brincar aconteça de forma livre, criativa e inesperada. Um espaço que acolhe o encontro, desperta a curiosidade e não dita regras do que deve ser feito, mas que convida à invenção. Paulo Mendes da Rocha quando diz: “a função da arquitetura é amparar

a imprevisibilidade da vida” trata exatamente disso. Mesmo na atuação como arquiteto, projetando para o futuro, é preciso reconhecer a complexidade da vida e entender que não se trata de prever tudo, mas de criar espaços que saibam acolher o que é espontâneo, o que escapa do controle.

O que o lugar diz quando alguém entra? Como ele instiga o riso de uma criança? Antes de entender o que é esse lugar, o corpo já saberia: é ali que pode acontecer o brincar. É ali que as mãos não pedem permissão para tocar, e os pés inventam caminhos sem destino certo. O degrau que vira palco, ou que cria distância, como escalar. A janela que abre o mundo lá fora, cria uma moldura para a paisagem, instiga sonhos, devaneios, brincadeiras.

Como ele acolheria o cansaço de um idoso? Quando adentra esse espaço, a pessoa poderia se sentir acolhida, abraçada, livre para descansar, para cansar, para pensar, para conversar, para silenciar. Faz sentir paz, alegria, confusão, uma imensidade de sentimentos e sensações.

A sombra muda de lugar e marca o tempo da brincadeira do lado de fora. A parede separa o interno e o externo, a porta conecta, possibilitando a transição entre esses mundos e a segurança de poder limitar o acesso. Pallasmaa toca nesse ponto:

No meu ponto de vista, a poesia tem a capacidade de nos devolver momentaneamente ao mundo oral que nos envolve. A palavra reoralizada da poesia nos devolve ao centro do mundo interior. “O poeta fala no limiar do ser”, como observa Gaston Bachelard, mas isso também se dá no limiar da linguagem. Da mesma maneira, a tarefa da arte e da arquitetura, em geral, é reconstruir a experiência de um mundo interior indiferenciado, no qual não somos meros espectadores, mas ao qual pertencemos de modo indissolúvel. Nas obras de arte, a compreensão existencial advém do nosso próprio encontro com o mundo e do nosso estar-no mundo ela não é conceitualizada ou intelectualizada. (Pallasmaa, 2011, p.25)

O corpo é o ponto de partida, esse espaço também brinca à medida que torna livre a brincadeira, não é apenas o fundo, o cenário da brincadeira, mas também é um personagem dessa aventura. Por isso o espaço é brincante.

Os brincantes

Quando se fala em brincar logo se pensa em crianças. De fato, é a linguagem da criança a brincadeira de acordo com Vygotsky, mas como afirma Huizinga, o lúdico constitui uma das bases do processo civilizatório sendo algo natural do ser humano. Presente até mesmo em animais, o jogo antecede até mesmo a cultura.

Por essa lógica, o jogo está presente em diversas esferas da vida, desde a linguagem, quando se articula o que está no intelecto para expressar e se comunicar com outros, até na religião, na qual o mundo como é deixado de ser o principal e atribui-se ao divino uma certa não lógica.

Dessa forma, o público alvo para estudar a interação através da brincadeira é o infantil (de três a seis anos) e o idoso (acima de 60 anos). Dois opostos, mas essa relação pode ser bastante benéfica para ambos os lados.

Mas por que eles?

Envelhecer é, acima de tudo, um privilégio. Porém, lidar com as mudanças que vêm junto com esse processo ainda é um desafio. Ao comparar a pirâmide etária do censo de 2022 com a projeção para 2050, percebe-se que o desenho que era mais largo na base e mais estreito no topo - típico de um país com maioria jovem - começa a se inverter. A base vai afinando, enquanto o topo, que representa as pessoas idosas, vai se alargando.

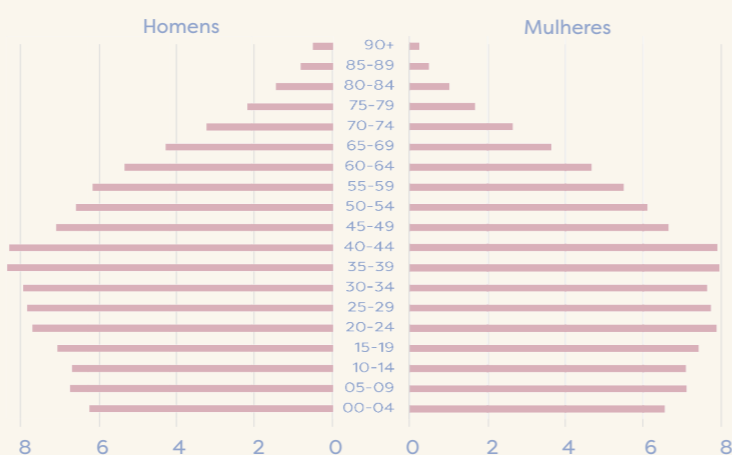


Figura 01: Pirâmide etária 2022
Fonte: IBGE (modificado pela autora)

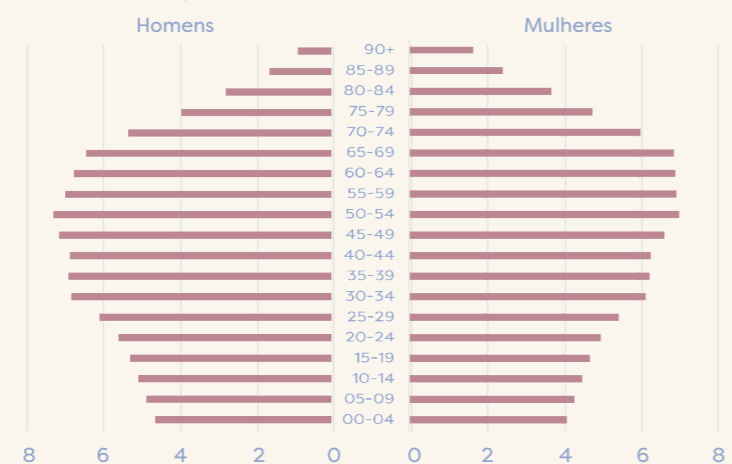


Figura 02: Projeção da pirâmide etária 2050
Fonte: IBGE (modificado pela autora)

Como o envelhecimento populacional é um fenômeno relativamente novo no Brasil, muita coisa precisa ser repensada. Saúde, educação, economia, serviços sociais, tudo

isso precisa caminhar junto para que esse processo continue sendo um ganho coletivo.

A falta de convívio entre gerações pode gerar desconhecimento, barreiras, falta de compreensão e até mesmo preconceito. Estabelecer um elo entre as gerações por meio de experiências leves e significativas pode gerar efeitos profundos: nas crianças, desperta o olhar sensível para o outro e fortalece a empatia; nos idosos, resgata a possibilidade de ter um envelhecimento ativo, pertencer e perpetuar a sua história. (Silva et. al,2018). O futuro que as pirâmides apontam já começou e ele pede espaços mais atentos, mais sensíveis e mais preparados para acolher as pessoas em todas as suas fases fortalecendo as trocas intergeracionais.

Na minha infância eu tive bastante contato com minha avó paterna, vejo que isso certamente moldou muito do que sou hoje, o contato com a arte, o fato de ela ter sido pedagoga e ter me ensinado muito do que sei sobre a vida por uma ótica mais sensível. Daqui de dentro, percebia que as visitas, as conversas, a nossa convivência parecia alegrar os seus dias, muitas vezes, achava que parecia até influenciar na sua força e animação. Não apenas por isso, mas inclusive por isso, a entregando uma possibilidade de ter um envelhecimento ativo.

Estudar o apoio social dentro das relações intergeracionais é importante porque quando esse apoio acontece de forma verdadeira, ele contribui para o bem-estar e a saúde das pessoas envolvidas. A troca entre idosos e crianças, em especial, tem algo de muito único – é uma via de mão dupla, onde cada geração aprende, ensina e compartilha um pedacinho da sua história. (Luchesi et.al, 2015)

Uma forma bonita e potente de aproximar diferentes gerações é por meio de atividades lúdicas e sociais, que façam sentido tanto para as crianças quanto para os idosos. Para que essa troca aconteça de verdade, é importante que essas experiências estejam conectadas com o cotidiano e com o universo de cada um, e que sejam acompanhadas por conversas, escuta sensível e partilha de histórias, com o apoio dos educadores que podem mediar esse encontro (França, 2010).

“O envelhecimento tem sobretudo dimensão existencial, e como todas as situações humanas, modifica a relação do homem com o tempo, com o mundo e com a sua própria história, revestindo-se não só de características biopsíquicas, como também sociais e culturais.”

Simone de Beauvoir

Casas onde o tempo brinca devagar

“Mudar e morar na casa da
colina mudou tudo
Mudou a mim, mudou a vida”

Maria Bethânia

Quando a infância brinca, o tempo corre como um rio saltitante. No processo de envelhecer, o tempo aprende a caminhar mais devagar, como quem recolhe conchas na beira da praia. Cada etapa da vida carrega sua própria dança com o tempo, e é preciso reconhecer a beleza e a dignidade dessa dança mais lenta.

É nesse compasso mais sereno que surgem as casas onde o tempo brinca devagar: lugares de acolhimento, cuidado e pertencimento para quem já colecionou muitas histórias. Para construir espaços verdadeiramente vivos e respeitosos para essas fases da vida, é essencial compreender como a sociedade organiza a proteção social e o direito ao cuidado.

Com esse olhar sensível e atento, em seguida está o universo da Assistência Social, entendendo como ela atua para garantir direitos e construir lugares de pertencimento também para aqueles que, com suas memórias e trajetórias, carregam a riqueza do tempo vivido.

O acesso a assistência social é um direito do cidadão e um dever do Estado reconhecido pela Constituição Federal de 1988. Desde que foi implementada a Lei nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993, Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) tem como objetivo mudar o caráter de assistencialista e paternalista de ações como obras de caridade e tornar isso institucionalizado e como foi dito assegurar a proteção social e garantia de direitos, tornando a Assistência Social uma política pública.

Segundo a LOAS, capítulo II, seção I, artigo 4º os seguintes princípios democráticos regem a Assistência Social:

- I - Supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade econômica;
- II - Universalização dos direitos sociais, a fim de tornar o destinatário da ação assistencial alcançável pelas demais políticas públicas;
- III - Respeito à dignidade do cidadão, à sua autonomia e

ao seu direito a benefícios e serviços de qualidade, bem como à convivência familiar e comunitária, vedando-se qualquer comprovação vexatória de necessidade;

- IV - Igualdade de direitos no acesso ao atendimento, sem discriminação de qualquer natureza, garantindo-se equivalência às populações urbanas e rurais;
- V - Divulgação ampla dos benefícios, serviços, programas e projetos assistenciais, bem como dos recursos oferecidos pelo Poder Público e dos critérios para sua concessão.

As iniciativas promovidas pelo Sistema Único de Assistência Social são uma maneira de acolher, acompanhar e oferecer suporte em um contexto em que as configurações sociais e familiares estão mudando rapidamente. É preciso garantir não só assistência, mas também autonomia, dignidade e presença ativa na vida social.

A Assistência Social está estruturada em uma ampla rede de equipamentos públicos que oferecem atendimento a diferentes públicos, como crianças, adolescentes, mulheres, pessoas idosas, pessoas com deficiência, entre outros. Cada grupo é acolhido de acordo com suas necessidades, garantindo proteção social e acesso a direitos.

As unidades da Assistência social são:

- CRAS - Centro de Referência de Assistência Social;
- CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência social;
- Centro POP - Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua;
- Centro-Dia de Referência para Pessoas com Deficiência e suas Famílias;
- Unidades de Acolhimento - Casa Lar, Abrigo Institucional, República, Residência Inclusiva, Casa de Passagem.

Entre as unidades de acolhimento, existe o Serviço de Acolhimento para Pessoas Idosas, que oferece:

- **Abrigo Institucional (Instituição de Longa Permanência para Idosos – ILPI):** Atendimento em unidade institucional com característica domiciliar que acolhe pessoas idosas com diferentes necessidades e graus de dependência. Deve garantir a convivência com fami-

liares e amigos de forma contínua, bem como o acesso às atividades culturais, educativas, lúdicas e de lazer na comunidade.

- **Casa-Lar:** Atendimento em unidade residencial. Deve contar com profissionais habilitados, treinados e supervisionados por equipe técnica capacitada para auxiliar nas atividades da vida diária.
- **República:** Destinada a pessoas idosas que tenham condições de desenvolver, de forma independente, as atividades da vida diária, mesmo que requeiram o uso de equipamentos de autoajuda. O serviço objetiva a autonomia de seus residentes incentivando sua independência ao funcionar num sistema que permite que seus moradores tomem as decisões com relação ao funcionamento da unidade de maneira conjunta.

A Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 502 define três graus de dependência para classificar os idosos que vivem em Instituições de Longa Permanência, ajudando a entender o quanto cada um precisa de apoio no dia a dia:

- **Grau de dependência I:** idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de auto-ajuda;
- **Grau de dependência II:** idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária tais como: alimentação, mobilidade, higiene; sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada;
- **Grau de dependência III:** idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e ou com comprometimento cognitivo; (ANVISA, 2021)

Essa proposta inclui pessoas idosas inseridos nos graus de dependência I e II, pois acredita-se que esse público teria uma possibilidade maior de interação com o público infantil.

Em uma sociedade que envelhece em ritmo acelerado, cuidar também é reconhecer o valor e a potência dessa etapa da vida. Espaços como ILPIs ajudam a fortalecer vínculos, repensar as dinâmicas familiares e criar uma rede de cuidado.

O lugar de brincar e aprender

Ao pensar a escola como um lugar de brincar e aprender, somos chamados a repensar a própria lógica dos espaços educativos. A infância, com sua energia exploratória e seu modo sensível de habitar o mundo, exige ambientes que não apenas abrigam, mas que também estimulam, provocam e acolhem. Nesse sentido, a arquitetura escolar precisa deixar de ser mero cenário funcional para se tornar um agente ativo na formação integral das crianças.

Entendendo a escola como uma pequena comunidade de aprendizagem (Santos, 2016), compreende-se que os espaços escolares devem funcionar como microcosmos sociais, nos quais a criança aprende não só conteúdos, mas também valores, relações e formas de se colocar no mundo. O contato inicial fora do núcleo familiar torna-se ainda mais potente quando o espaço é desenhado para favorecer o encontro, a cooperação e o respeito mútuo.

Nesse processo, o domínio do espaço pela criança é essencial. Quando o ambiente escolar é estruturado de modo que a criança possa reconhecer, explorar e apropriar-se de seus diferentes setores, sua experiência espacial se torna mais rica e formativa (Santos, 2016). No entanto, é importante destacar que esse domínio não se limita à orientação física: trata-se de um convite para que a criança se sinta protagonista de seu próprio processo de aprendizagem.

A arquitetura pode ultrapassar sua função técnica e assumir um caráter poético: criar condições para que o improviso, a invenção e o jogo espontâneo aconteçam. Salas transformáveis, corredores-passeio, pátios multissensoriais e mobiliários móveis tornam o espaço uma extensão do próprio corpo em movimento.

É fundamental que relação entre interior e exterior também seja entendida para além da conexão visual e funcional (Santos, 2016). Ao integrar natureza e arquitetura, cria-se uma continuidade simbólica entre o mundo construído e o mundo natural. Essa permeabilidade não ape-

nas facilita a supervisão, mas amplia a noção de pertencimento da criança ao ambiente em que vive, reforçando uma ética de cuidado e respeito à natureza.

É importante observar, entretanto, que nem toda abertura espacial resulta em aprendizagem significativa. A criação de linhas de visibilidade e a ampliação dos horizontes físicos devem ser intencionais, pensadas como formas de estimular a curiosidade, a atenção e o senso de aventura [SANTOS, 2016, p.13]. Uma arquitetura aberta, mas desprovida de intenção pedagógica, corre o risco de se tornar dispersiva e desestruturante.

A dimensão lúdica do espaço é, sem dúvida, um dos pilares da educação infantil. Piaget (1972) já apontava o brincar como atividade estruturante para o desenvolvimento cognitivo e social. Mas a arquitetura pode ir além de simplesmente “acomodar” o brincar: ela precisa inspirá-lo. Estruturas para escalada, espelhos d’água, trilhas sensoriais e jardins com diferentes texturas e vegetação nativa possibilitando paisagismo de alto desempenho são exemplos de como o espaço pode ser um parceiro ativo no processo de descoberta e expressão da criança.

A crítica necessária aqui é entender que a ludicidade não se instala automaticamente pela inserção de brinquedos ou cores vivas. Um espaço verdadeiramente lúdico é aquele que respeita a complexidade da infância, permitindo momentos de ação e de contemplação, de coletivo e de individual, de euforia e de calma. Dessa forma, faz-se necessário que a arquitetura favoreça a escuta dos ritmos internos da criança, e não apenas conduzir seus comportamentos.

É nesse sentido que a imprevisibilidade se torna um valor arquitetônico. Em oposição à lógica excessivamente controladora de muitos ambientes escolares tradicionais, a escola que acolhe o brincar aceita a possibilidade do erro, da surpresa e da transformação.

A materialidade da escola também educa. Quando sistemas construtivos são deixados à mostra, quando o ciclo da água é visível ou quando a captação de energia solar se integra ao cotidiano escolar, as crianças aprendem sobre o mundo físico de maneira concreta e significativa (Santos, 2016). A sustentabilidade, nesse contexto, deixa

de ser um tema abstrato para tornar-se uma prática cotidiana.

O contato com a natureza, sabiamente articulado aos ambientes de aprendizagem, contribui não apenas para o bem-estar físico das crianças, mas também para sua saúde emocional e mental (Santos, 2016). Estudos recentes mostram que crianças que frequentam ambientes mais verdes apresentam menores níveis de estresse, maior capacidade de atenção e relações sociais mais saudáveis. Integrar o verde ao espaço escolar é, portanto, também uma estratégia de promoção de saúde.

No entanto, a verdadeira integração natureza-arquitetura exige mais do que janelas para jardins: requer o desenho de espaços exteriores que sejam parte ativa da pedagogia. Hortas comunitárias, trilhas de terra, morros gramados, parques de areia e pátios para performance musical e teatral são ambientes que expandem as possibilidades de aprendizado.

Do ponto de vista espacial, a flexibilidade e a adaptabilidade são valores fundamentais. A escola deve ser capaz de se reorganizar conforme as dinâmicas dos grupos, os projetos educativos e até mesmo as transformações sociais mais amplas (Santos, 2016). Ambientes fixos e rígidos tendem a sufocar a criatividade e a limitar as possibilidades de ação. Já espaços flexíveis, que podem ser reorganizados com facilidade, devolvem às crianças e aos professores o poder de coautoria do espaço vivido.

Em suma, o lugar de brincar e aprender é aquele que reconhece a infância em sua complexidade e potência. Um espaço que, mais do que ensinar conteúdos, oferece experiências. Um espaço que, ao invés de conduzir rigidamente, convida à invenção. Que propõe o convívio, mas respeita a solidão. Que acolhe o erro como parte do aprendizado e celebra a diversidade de modos de ser, pensar e sentir. Educar é, no fundo, abrir mundos. E a arquitetura, quando consciente de seu papel formativo, torna-se um dos instrumentos mais poderosos para essa abertura.

“Será que é cenário
A casa da atriz
Se ela mora num arranha-céu
E se as paredes são feitas de giz
E se eu pudesse entrar na sua vida”

Chico Buarque e Edu Lobo

03

**O que o mundo já
desenhou**

Creche + Residência da terceira idade

Local: Rennes, França
Arquiteto(a): a/LTA architects
Ano: 2012

Esse projeto foi selecionado como estudo de caso por sua proposta programática singular: reunir em um mesmo edifício uma instituição de cuidado para a infância e outra para a velhice. Essa sobreposição funcional carrega em si uma ideia potente de integração intergeracional. No entanto, a materialização arquitetônica do projeto se aproxima de uma lógica institucional rígida.

Esse caráter pode ser percebido pela quantidade de longos corredores centrais fechados, espaços excessivamente compartimentados e uma estética austera.

A ambiência geral remete a estruturas convencionais de assistência, nas quais o foco está mais na organização e controle do cotidiano do que na promoção de vínculos afetivos e experiências compartilhadas entre gerações. A arquitetura cumpre seu papel funcional, mas pouco incentiva o encontro espontâneo, o brincar coletivo ou a construção de memórias entre crianças e idosos.

- 1 Entrada
- 2 Administração
- 3 Sanitário
- 4 Escada
- 5 Quarto
- 6 Enfermaria
- 7 Copa
- 8 Pátio
- 9 Elevador
- 10 Apoio



Figura 03: Planta baixa pavimento térreo
Fonte: Archdaily (modificado pela autora)



- 1 Entrada
- 2 Escada
- 3 Elevador
- 4 Sanitário
- 5 Administração
- 6 Sala de reunião
- 7 Sala de aula
- 8 Enfermaria
- 9 Copa
- 10 Depósito

Figura 04: Planta baixa 1º pavimento.
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



- 1 Copa
- 2 Sanitário
- 3 Quarto
- 4 Escada
- 5 Elevador
- 6 Enfermaria
- 7 Lavanderia

Figura 05: Planta baixa 2º/3º/4º pavimentos.
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



- 1 Restaurante
- 2 Cozinha
- 3 Sanitário
- 4 Escada
- 5 Elevador
- 6 Almojarifado
- 7 Salão multiuso
- 8 Enfermaria

Figura 06: Planta baixa 5º pavimento.
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



Figura 07: Diagrama de fluxos.
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).

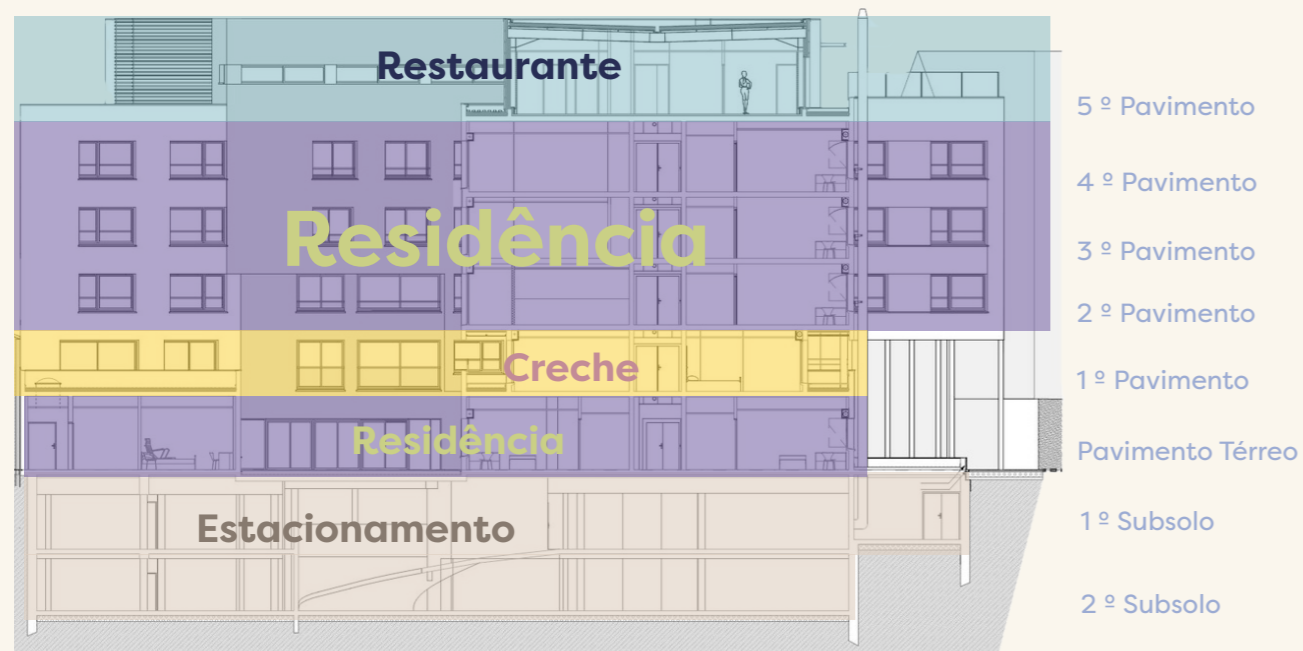


Figura 08: Corte esquemático com setorização.
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



Figura 10: Creche e residência para a terceira idade - Interior
Fonte: Archdaily (modificado pela autora)



Figura 09: Fachada.
Fonte: Archdaily.



Figura 11: Creche e residência para a terceira idade - Fachada
Fonte: Archdaily (modificado pela autora)



Figura 12: Creche e residência para a terceira idade - Interior
Fonte: Archdaily (modificado pela autora)



Figura 13: Creche e residência para a terceira idade - Fachada
Fonte: Archdaily (modificado pela autora)

Vila para Pessoas com Alzheimer

Local: DAX, França
Arquiteto(a): NORD Architects
Ano: 2020

O conceito da vila vai além a função institucional: ela reproduz, em escala reduzida, elementos familiares de uma cidade – como uma praça, mercearia, restaurante, cabeleireiro – recriando cenários do cotidiano que remetem às memórias afetivas dos residentes.

A vila é organizada com gradação de acesso público, existe esse grande espaço compartilhado, com cenário familiar e ela se divide em 4 grupos com 30 residentes em cada. Dentro desses grupos, casas menores com espaços de convivência reduzidos em cada uma delas. O projeto respeita a escala humana e é profundamente enraizado na paisagem e na cultura local. Elementos da arquitetura regional são incorporados, promovendo uma sensação de pertencimento e continuidade com o território.

Os caminhos são cíclicos, como uma brincadeira de roda: não tem começo nem fim. Isso evita que alguém se perca, quem anda por ali sempre encontra o caminho de volta.

Tem janelas que deixam o sol entrar, jardins para caminhar, sentar e ver o tempo passar devagar, é um ambiente que cuida com calma.



1 Auditório 2 Centro Cultural 3 Convivência 4 Depósito 5 Lavanderia 6 Serviços 7 Terapias 8 Saúde 9 Restaurante 10 Casa 11 Acolhimento diurno 12 Áreas comuns

Figura 15: Recorte da Implantação.
Fonte: NORD Architects (modificado pela autora).

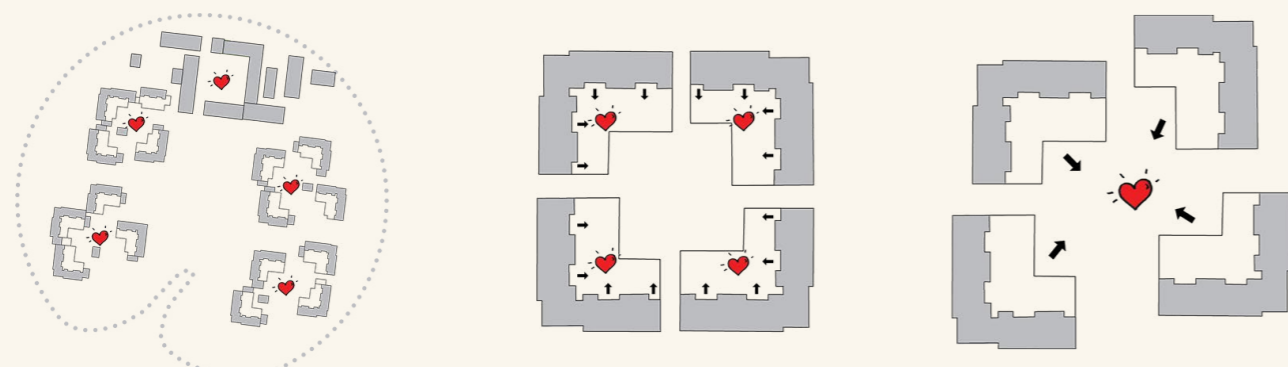


Figura 14: Diagrama Conceitual
Fonte: NORD Architects.



Figura 16: Implantação
Fonte: NORD Architects.



- 1 Áreas comuns
- 2 Entrada
- 3 Sala de Jantar
- 4 Cozinha
- 5 Quarto
- 6 Banheiro
- 7 Sala íntima
- 8 Depósito
- 9 Lavanderia
- 10 Vestiário
- 11 Limpeza
- 12 Escritório



- Área privada
- Área social

Figura 18: Diagrama de setorização do "bairro"
Fonte: NORD Architects (modificado pela autora).

Figura 17: Planta baixa "bairro"
Fonte: NORD Architects (modificado pela autora).



- 1 Áreas comuns
- 2 Entrada
- 3 Sala de Jantar
- 4 Cozinha
- 5 Quarto
- 6 Banheiro
- 7 Sala íntima
- 8 Depósito
- 9 Lavanderia
- 10 Vestiário
- 11 Limpeza
- 12 Escritório
- 13 Apoio funcionários
- 14 Central de Resíduos



- Área íntima
- Área social
- Serviços

Figura 20: Diagrama de setorização unidades habitacionais
Fonte: NORD Architects (modificado pela autora).

Figura 19: Planta baixa unidades habitacionais
Fonte: NORD Architects (modificado pela autora).



Figura 21: Corte
Fonte: NORD Architects (modificado pela autora).



Figura 22: Vila para pessoas com alzheimer - Pátio
 Fonte: NORD Architects (modificado pela autora)

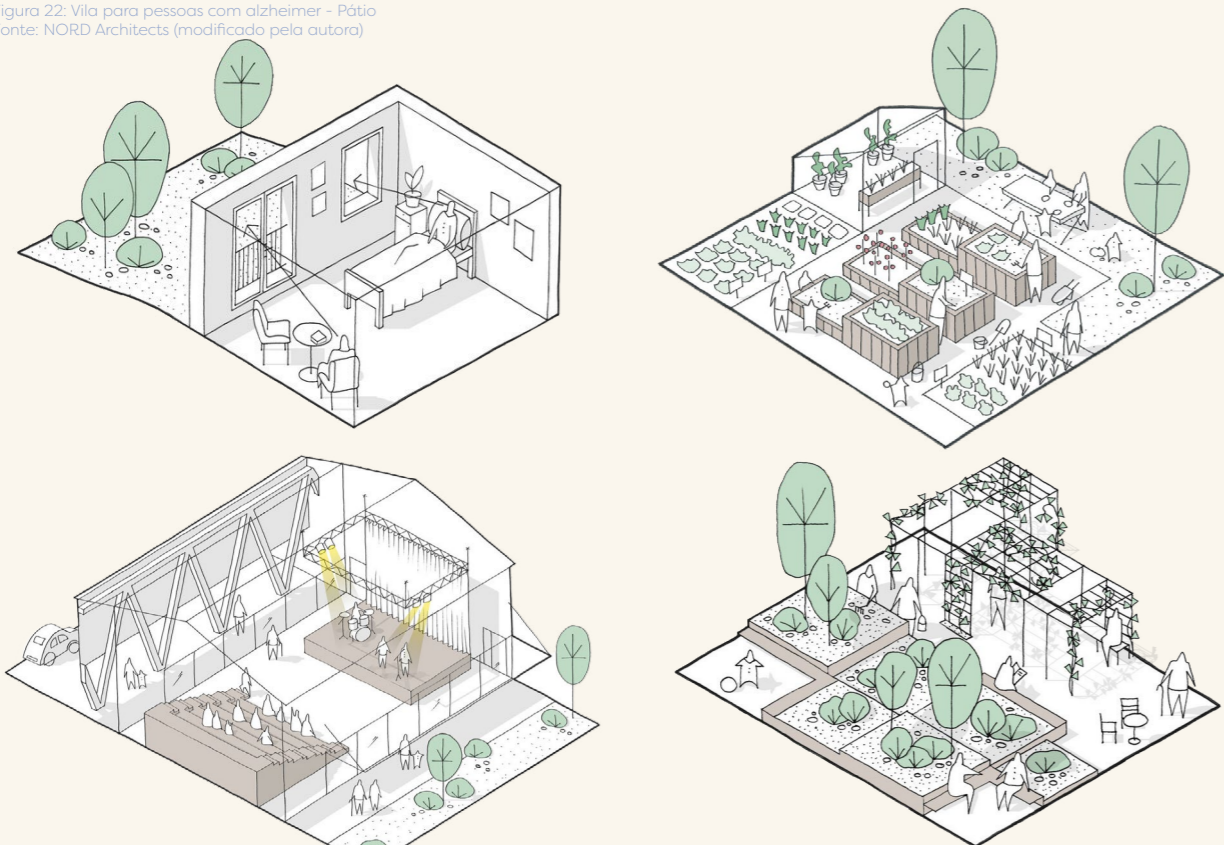


Figura 23: Diagrama conceitual
 Fonte: NORD Architects (modificado pela autora)



Figura 24: Vila para pessoas com alzheimer
 Fonte: NORD Architects (modificado pela autora)



Figura 25: Vila para pessoas com alzheimer
 Fonte: NORD Architects (modificado pela autora)



Figura 26: Vila para pessoas com alzheimer
 Fonte: NORD Architects (modificado pela autora)



Figura 27: Vila para pessoas com alzheimer
 Fonte: NORD Architects (modificado pela autora)



Figura 28: Vila para pessoas com alzheimer
 Fonte: NORD Architects (modificado pela autora)

Escola Parque

Local: São Caetano do Sul, Brasil
 Arquiteto(a): Carolina Penna Arquitetos
 Ano: 2021

O projeto é de uma escola, mas também de uma praça, um parque. A escola é a semente da cidadania enquanto se apresenta como primeiro contato com o mundo em sociedade. Foi muito importante para os arquitetos oferecer uma possibilidade de construção coletiva e um espaço aberto a imprevisibilidades.

Assim como a escola se coloca como uma extensão da praça, a praça é uma extensão da escola de modo que as crianças podem se apropriar de todo esse espaço. A cobertura é como um abrigo para crianças, pais e educadores e coloca a escola como centro da comunidade. Se a educação é uma forma de mudar o mundo, transformar o status quo, a escola proporciona essa mudança. O coração da escola transmite a essência da ideia de fogueira, arena, palco e festa. Acima de tudo é um lugar de brincadeira.

Em termos de composição, diferente do projeto da creche e residência para idosos, a circulação acontece de forma fluida, sendo central em alguns pontos na área administrativa e de serviços. O centro então exerce várias funções, de acolher quem entra, de abrigar atividades fora de sala e de distribuir o fluxo para os agrupamentos.

O contato com o exterior promove segurança à medida que permite visibilidade para dentro e fora da escola e protege quem está ali dentro com o uso de elemento vazado. Nesse caso tijolo em uma diferente composição, permitindo uma certa transparência. Então permite que os olhos vejam a rua.

Aqui existem diferentes escalas de espaço externo. O que é completamente público que é a praça, o solário que se encontra dentro dos limites da escola e os jardins e terraços. Além de tudo isso, a escola respeita a escala da criança, o que é refletido nas aberturas da sala, que permitem olhar para fora em diferentes alturas. Essa adaptação também pode ser percebida no pátio pois há bastante espaço para criarem, recriarem, correr e pular, enfim, brincar

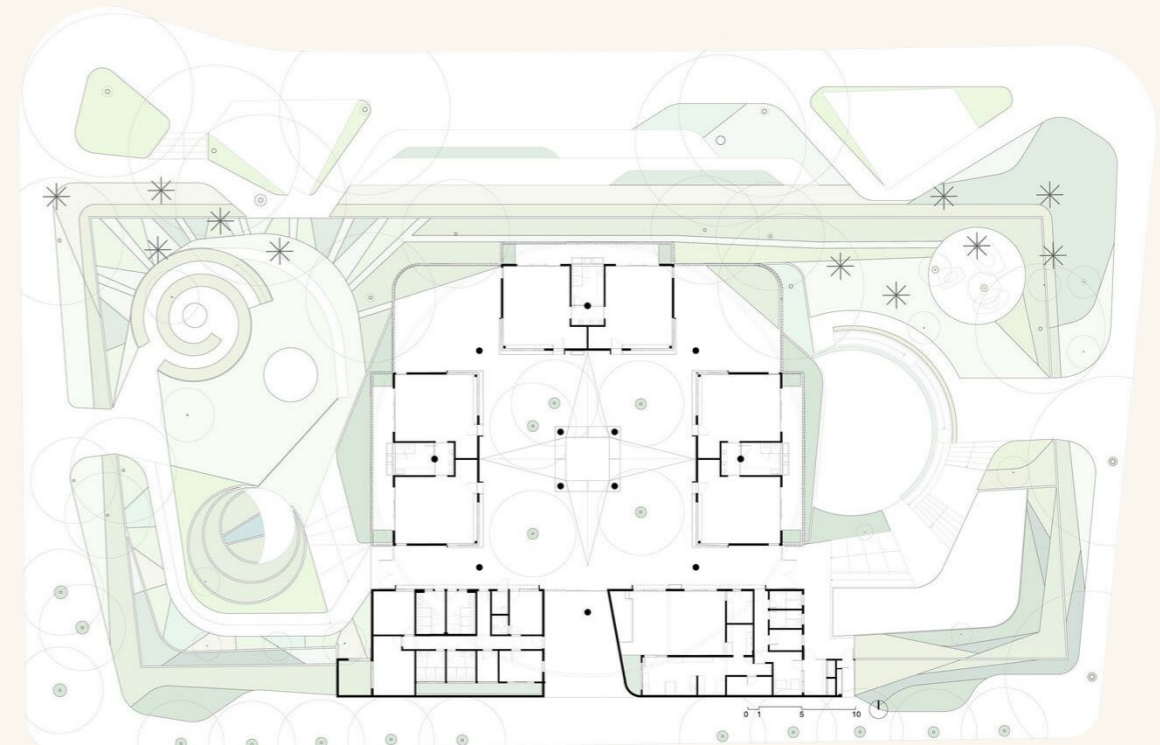
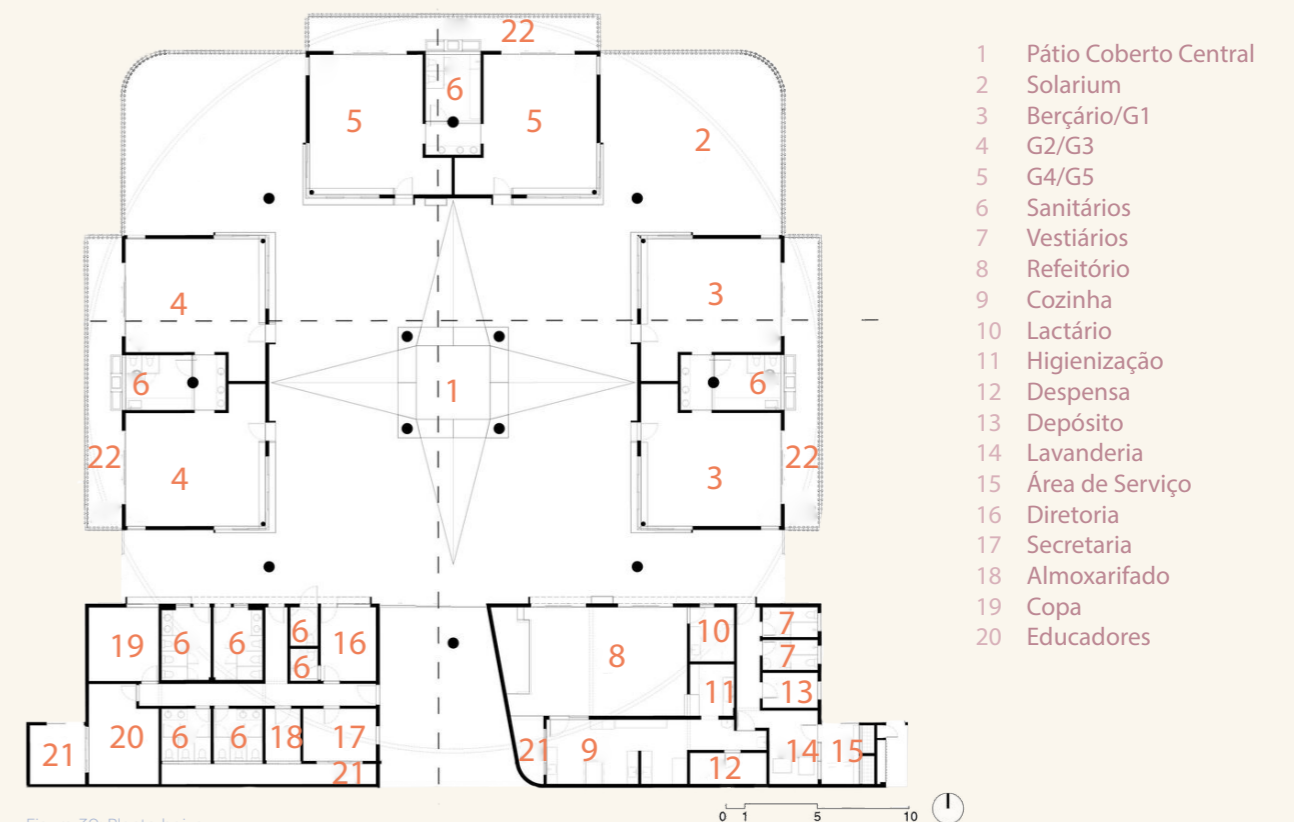


Figura 29: Implantação
 Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



- 1 Pátio Coberto Central
- 2 Solarium
- 3 Berçário/G1
- 4 G2/G3
- 5 G4/G5
- 6 Sanitários
- 7 Vestiários
- 8 Refeitório
- 9 Cozinha
- 10 Lactário
- 11 Higienização
- 12 Despensa
- 13 Depósito
- 14 Lavanderia
- 15 Área de Serviço
- 16 Diretoria
- 17 Secretaria
- 18 Almoxarifado
- 19 Copa
- 20 Educadores

Figura 30: Planta baixa
 Fonte: Archdaily (modificado pela autora).

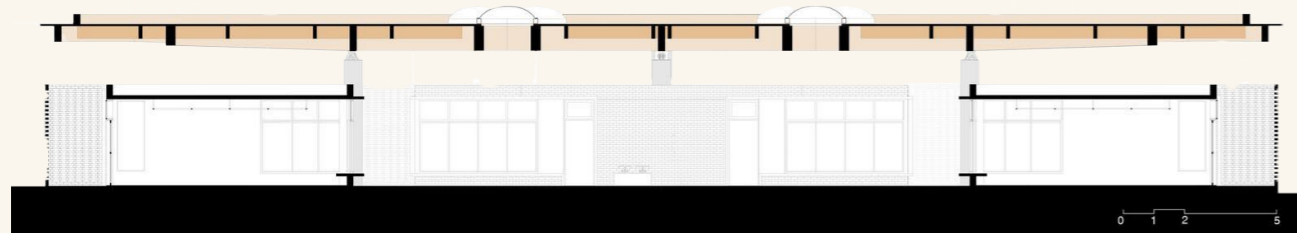


Figura 31: Corte
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).

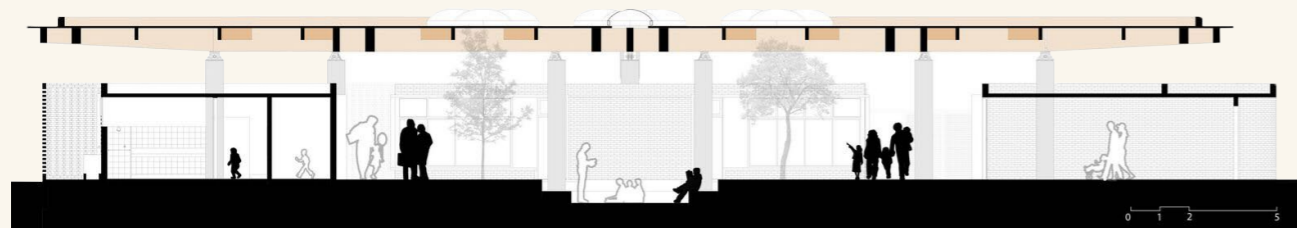


Figura 32: Corte
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).

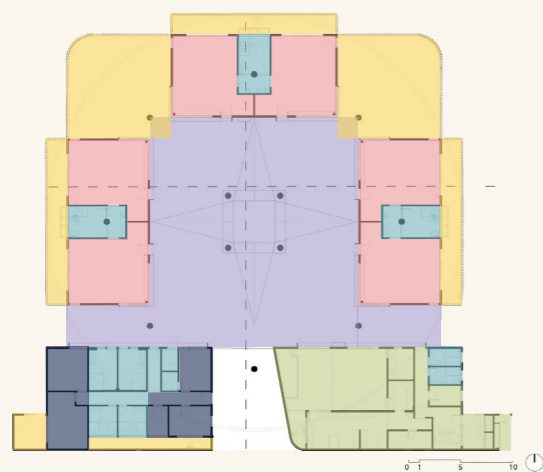


Figura 33: Diagrama de setorização
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).

- Agrupamentos
- Higiene
- Serviços
- Administração
- Área externa
- Pátio

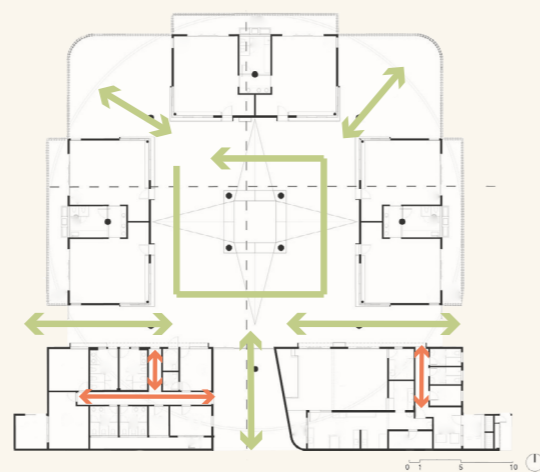


Figura 34: Diagrama de fluxos
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



Figura 35: Escola parque - Área externa
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



Figura 36: Escola parque - Interior
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



Figura 37: Escola parque - Interior
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



Figura 38: Escola parque - Interior
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).



Figura 39: Escola parque - Interior
Fonte: Archdaily (modificado pela autora).

SESC Pompeia

Local: São Paulo, Brasil
Arquiteto(a): Lina Bo
Bardi
Obra/projeto: 1977-1986

O Centro de Lazer da Fábrica da Pompeia, ou SESC Pompeia, ou Cidadela da Liberdade vai além de uma referência de projeto no sentido de construção. É uma referência de como pensar arquitetura, ou melhor, para quem pensar arquitetura. Lina Bo Bardi pensava nas pessoas, no cotidiano, em como essas pessoas iriam se apropriar do espaço e nesse projeto não foi diferente.

Na segunda vez que lá estive, um sábado, o ambiente era outro: não mais a elegante e solitária estrutura Hennebiqueana, mas um público alegre de crianças, mães, pais, anciãos passava de um pavilhão a outro. Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo da chuva que caía dos telhados rachados, rindo com os chutes da bola na água. As mães preparavam churrasquinhos e sanduíches na entrada da rua Célia; um teatrinhode bonecos funcionava perto da mesma, cheio de crianças. Pensei: isso tudo deve continuar assim, com toda esta alegria. Voltei muitas vezes, aos sábados e aos domingos, até fixar claramente aquelas alegres cenas populares. (Bo Bardi apud Ferraz, 2015, p. 4)

Carinhosamente chamado de cidadela da liberdade esse projeto abriga muitas atividades, culturais, esportivas, de lazer. Não se resume a um uso, mas é um espaço em que pode-se transitar com liberdade, uma praça coberta. É de brincar, de conversar, de ler, de estar sozinho acompanhado, de simplesmente estar lá. É um convite à exploração sensorial que estimula a curiosidade e a interação.

Ele se localiza em um antigo bairro industrial, a Pompeia e foi desenvolvido como intervenção em pré-existência. Existem os galpões da antiga fábrica de tambores que também abrigou outras atividades produtivas e o bloco esportivo. É possível distinguir o que é novo do que é antigo lá, mas é praticamente inseparável. Tudo conversa de forma completamente harmoniosa, inclusive o com o entorno. Prevendo uma futura verticalização do bairro o bloco esportivo empilhado já iria compor a paisagem futura, cheia de prédios. A área reservada para a nova construção possuía uma área non edificanti, limitando o espaço a dois possíveis espaços, o bloco esportivo e o bloco de serviços. Os condicionantes de projeto não limitaram o desenvolvimento, direcionaram.

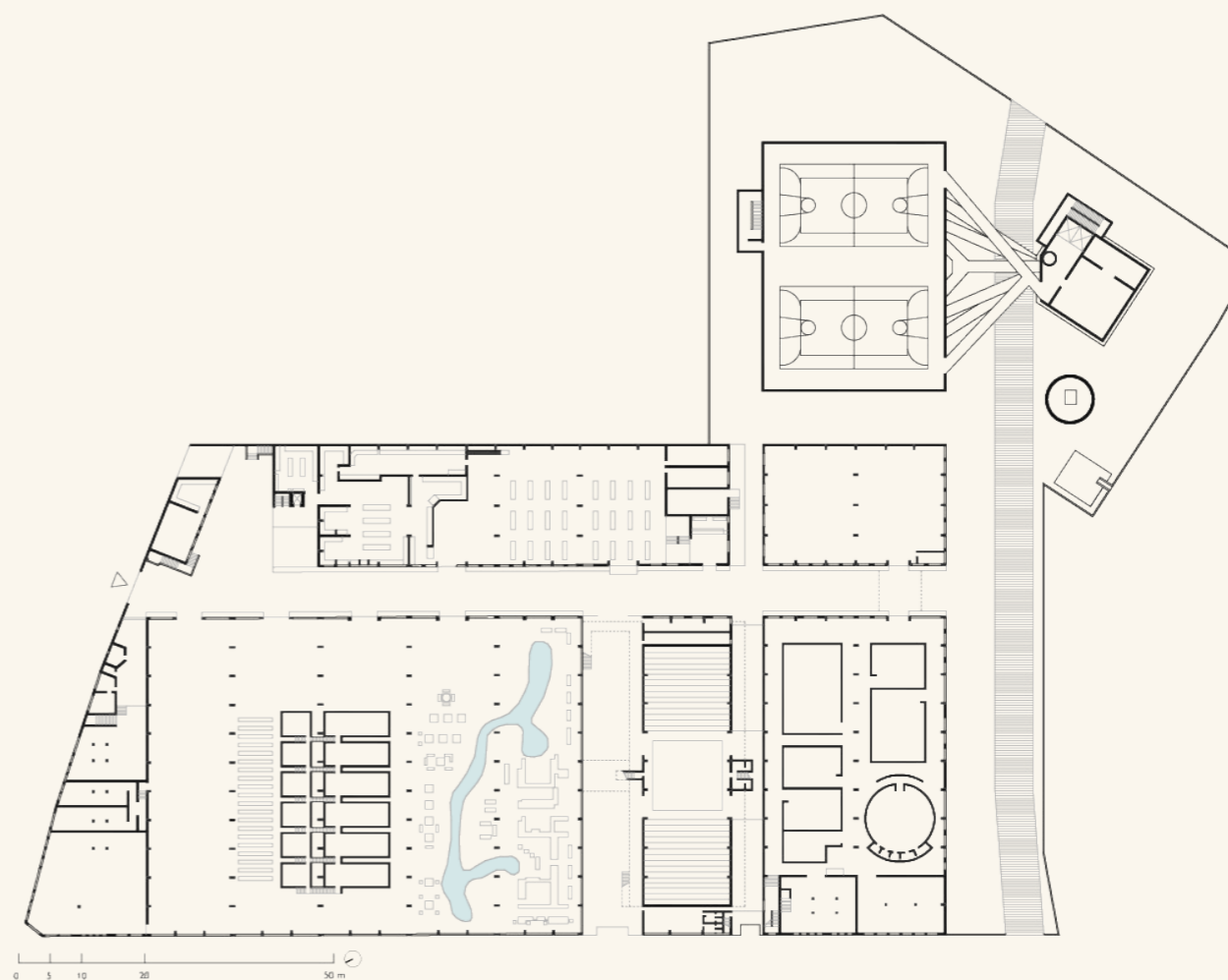


Figura 40: Planta baixa
Fonte: Acervo Lina Bo Bardi (com modificação da autora).

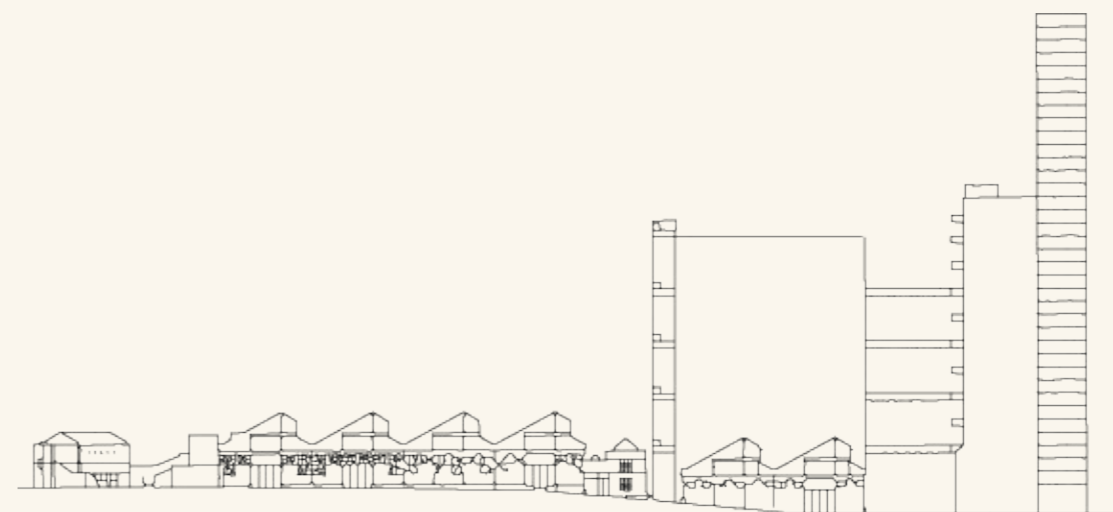


Figura 41: Corte
Fonte: Acervo Lina Bo Bardi (com modificação da autora).



Figura 42: SESC Pompeia - Salário
Fonte: Acervo pessoal



Figura 44: SESC Pompeia - Entorno
Fonte: Instituto Lina Bo Bardi (modificado pela autora)



Figura 45: SESC Pompeia - Biblioteca de lazer
Fonte: Instituto Lina Bo Bardi (modificado pela autora)



Figura 43: SESC Pompeia - Espaço de convivência
Fonte: Acervo pessoal



Figura 46: SESC Pompeia - Biblioteca de lazer
Fonte: Instituto Lina Bo Bardi (modificado pela autora)



Figura 47: Croqui
Fonte: Acervo Lina Bo Bardi.



Figura 48: Croqui
Fonte: Acervo Lina Bo Bardi.



Figura 49: Croqui
Fonte: Acervo Lina Bo Bardi.



Figura 50: Croqui
Fonte: Acervo Lina Bo Bardi.



Figura 51: Croqui
Fonte: Acervo Lina Bo Bardi.

Maggie's Leeds Center

Local: Harehills, Reino Unido
Arquiteto(a): Heatherwick Studio
Ano: 2020

O Maggie's Leeds Centre, projetado pelo escritório Heatherwick Studio, é um centro de apoio a pessoas com câncer, inserido dentro do campus hospitalar de St. James, no Reino Unido. O projeto propõe uma arquitetura de cuidado que se afasta da frieza hospitalar e se aproxima de um espaço doméstico e acolhedor, onde corpo, mente e paisagem se entrelaçam como parte do tratamento.

Em vez de corredores e salas fechadas, o edifício se organiza em três volumes pavilhonares, conectados por uma circulação fluida e envolta por vegetação. O projeto se adequa a topografia, como se estivesse pousado no terreno com delicadeza. O resultado é uma construção que se esconde e se revela entre as árvores, promovendo privacidade sem isolamento.

O projeto é marcado pela presença constante da natureza. Os jardins não ficam do lado de fora: eles invadem o interior, se espalham pelas coberturas, entram pelas janelas. A vegetação escolhida segue uma lógica de baixa manutenção, mas alta diversidade, criando uma atmosfera viva, mutável, terapêutica. A luz natural é amplamente explorada, entrando de maneira filtrada por aberturas generosas.

Cada ambiente foi pensado para acolher. Há salas de estar, cozinha compartilhada, cadeiras confortáveis e mesas para conversas. Os materiais, como madeira e cortiça, têm textura, cor e temperatura acolhedora. O espaço não serve apenas para cuidar da doença, mas para sustentar a vida - com beleza, dignidade e leveza.

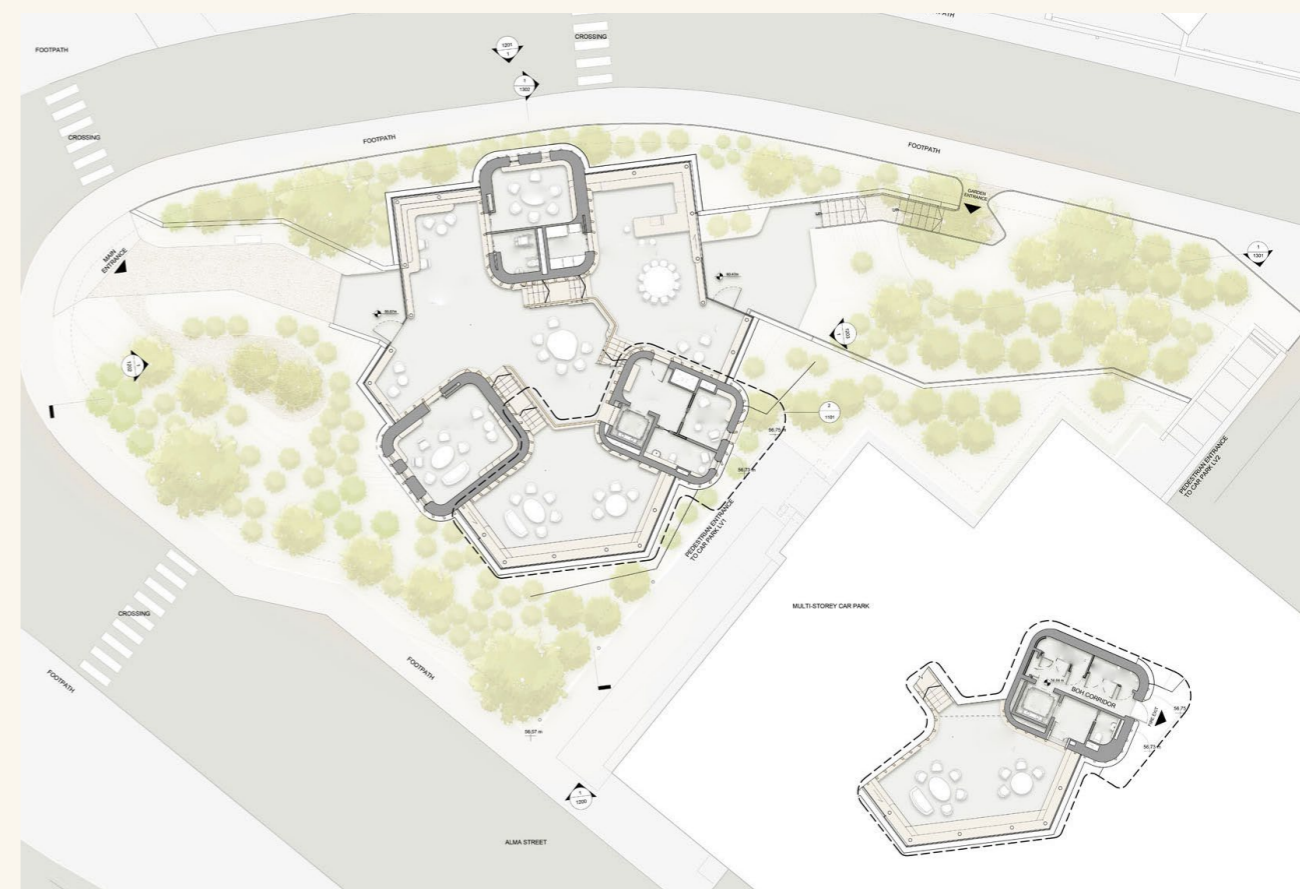


Figura 52: Planta Baixa Térreo e 1º Pavimento
Fonte: Heatherwick Studio (modificado pela autora).

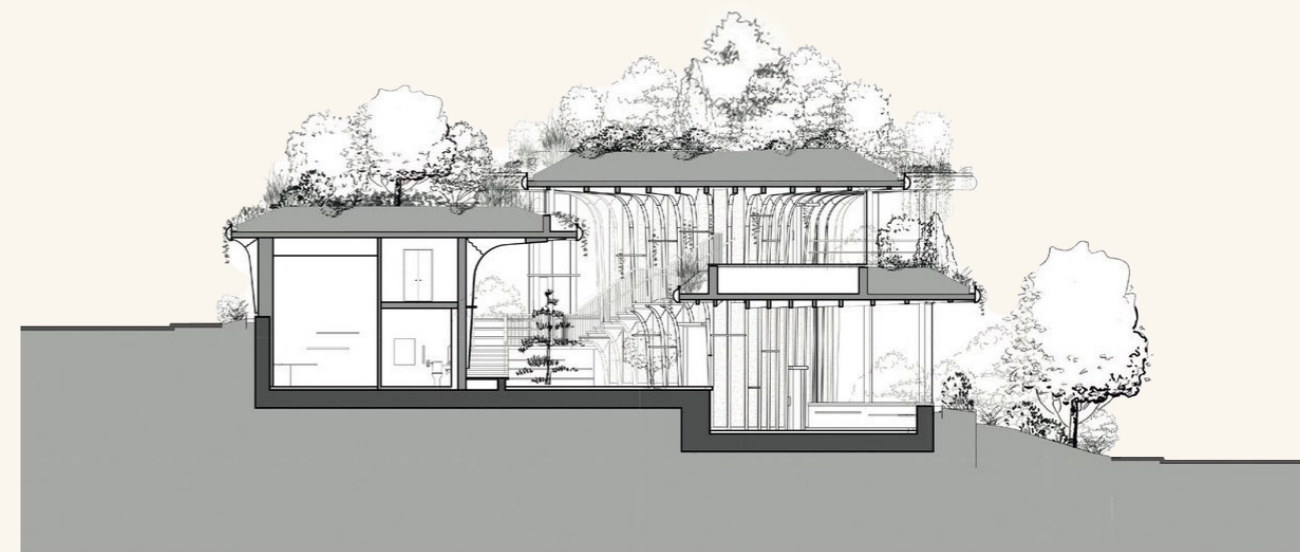


Figura 53: Corte
Fonte: Heatherwick Studio (modificado pela autora).



Figura 54: Diagrama de fluxos
Fonte: Heatherwick Studio.

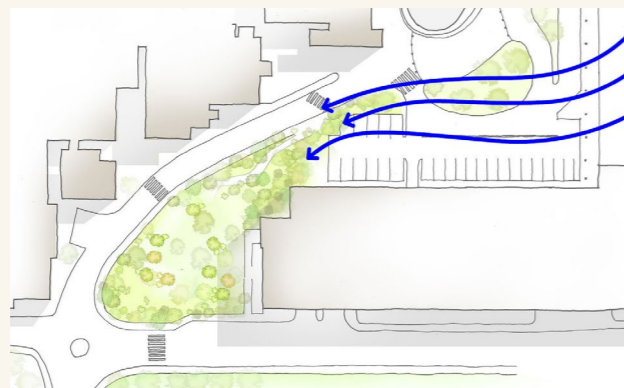


Figura 55: Diagrama de Ventilação
Fonte: Heatherwick Studio.

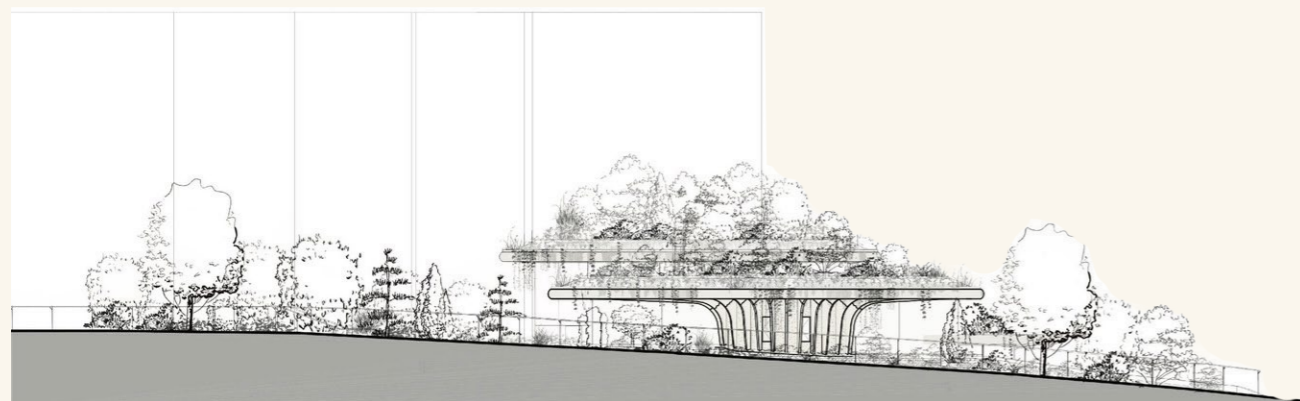


Figura 56: Corte
Fonte: Heatherwick Studio.



Figura 57: Maggie's Leeds Centre - Fachada
Fonte: Heatherwick Studio (modificado pela autora).



Figura 58: Maggie's Leeds Centre - Interior
Fonte: Heatherwick Studio (modificado pela autora).

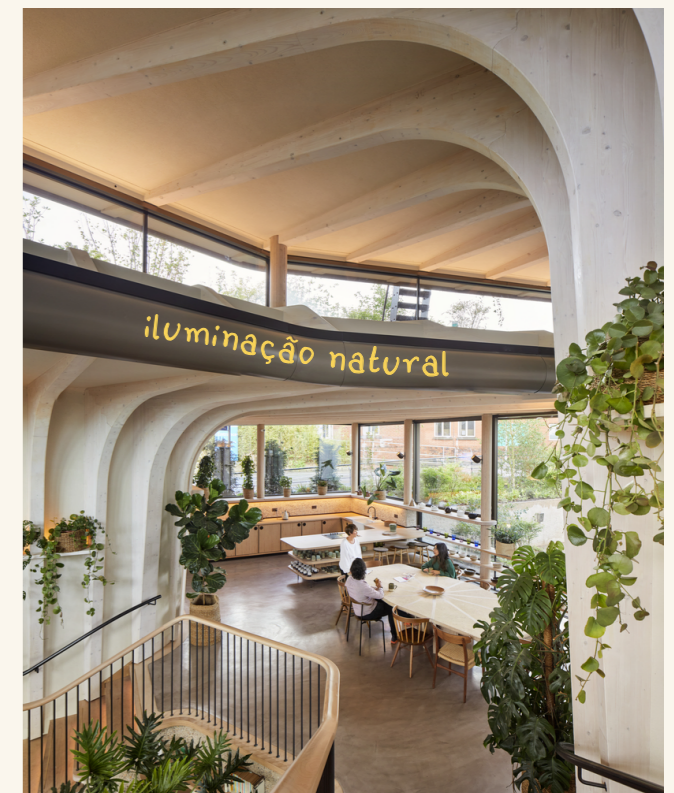


Figura 59: Maggie's Leeds Centre - Interior
Fonte: Heatherwick Studio (modificado pela autora).



Figura 60: Maggie's Leeds Centre - Fachada
Fonte: Heatherwick Studio (modificado pela autora).

Quadro síntese

Referências projetuais



Figura 61: Creche e residência para a terceira idade - Interior
Fonte: Archdaily (modificado pela autora)

Creche + Residência da Terceira Idade

- Programa intergeracional
- Design institucional
- Falta de acolhimento
- Não tem integração aparente entre os dois públicos



Figura 62: Vila para pessoas com Alzheimer
Fonte: NORD Architects (modificado pela autora)

Vila para Pessoas com Alzheimer

- Espaços acolhedores
- Incentivo à convivência
- Conexão com a natureza
- Cenário familiar
- Gradações de acesso público



Figura 63: Escola parque - Interior
Fonte: Archdaily (modificado pela autora)

Escola Parque

- Escala da criança
- Integração com o exterior
- Permeabilidade visual
- Espaços que acolhem o encontro
- Espaço que ampara a imprevisibilidade da vida
- Circulação fluida

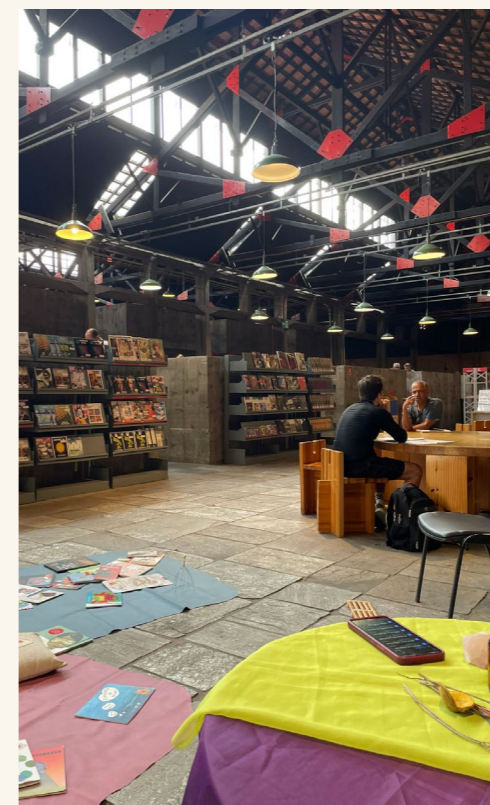


Figura 64: SESC Pompeia - Biblioteca de lazer
Fonte: Instituto Lina Bo Bardi (modificado pela autora)

SESC Pompeia

- Desenvolvimento pautado nas pessoas
- Diversidade de usos
- Identificação com o público
- Materiais aparentes
- Convite à exploração sensorial



Figura 65: Maggie's Leeds Centre - Fachada
Fonte: Heatherwick Studio (modificado pela autora)

Maggie Leeds Center

- Atmosfera acolhedora
- Biofilia
- Espaços que promovem a convivência
- Adequação ao terreno
- Circulação fluida

04

**Cenário de
memórias**

Processo de escolha do lugar

A escolha do lugar foi pautada por alguns critérios que orientaram a busca por terrenos. A proposta não é de um equipamento muito grande que concentre bastante a demanda, então não precisaria ser muito centralizado. A ideia é que aconteçam outros espaços como esse em toda Goiânia. Dito isso, primeira coisa a se pensar foi a área do terreno, a proposta abrangerá um tratamento paisagístico e o contato com a natureza como fizeram os arquitetos da Vila para pessoas com Alzheimer. Por isso o terreno precisaria ter bastante espaço. O ponto seguinte se refere a facilidades do bairro pensando principalmente nas pessoas idosas que serão usuárias, faz-se necessária a proximidade a CAIS ou UPA.

Alguns lotes que atendem a esses critérios foram encontrados, mas um deles sobressaiu. Os outros lotes são próximos de um CAIS ou uma UPA, um deles é perto do HUGOL. Porém, a vizinhança não apresentava condições muito acolhedoras para receber essa proposta. Região muito industrial, ou uso majoritariamente de comércio e serviços ou afastamento de áreas residenciais, o que impossibilita a convivência em comunidade.

O lote escolhido se destacou principalmente pelo uso do solo e a característica do bairro, que é majoritariamente residencial. A seguir análises feitas para fins de estudo e atestar essa afirmação serão apresentadas. Além disso, o terreno já é apropriado de forma lúdica pela população, em visita à região foi possível perceber equipamentos lúdicos improvisados e arborização aparentemente feitos pela própria população, o que será apresentado em seguida a respeito desse cenário de memórias. Ele se localiza no Residencial Barra Vento, que fica ao lado da Vila Finsocial, na região Noroeste de Goiânia como pode ser visto na figura ao lado.

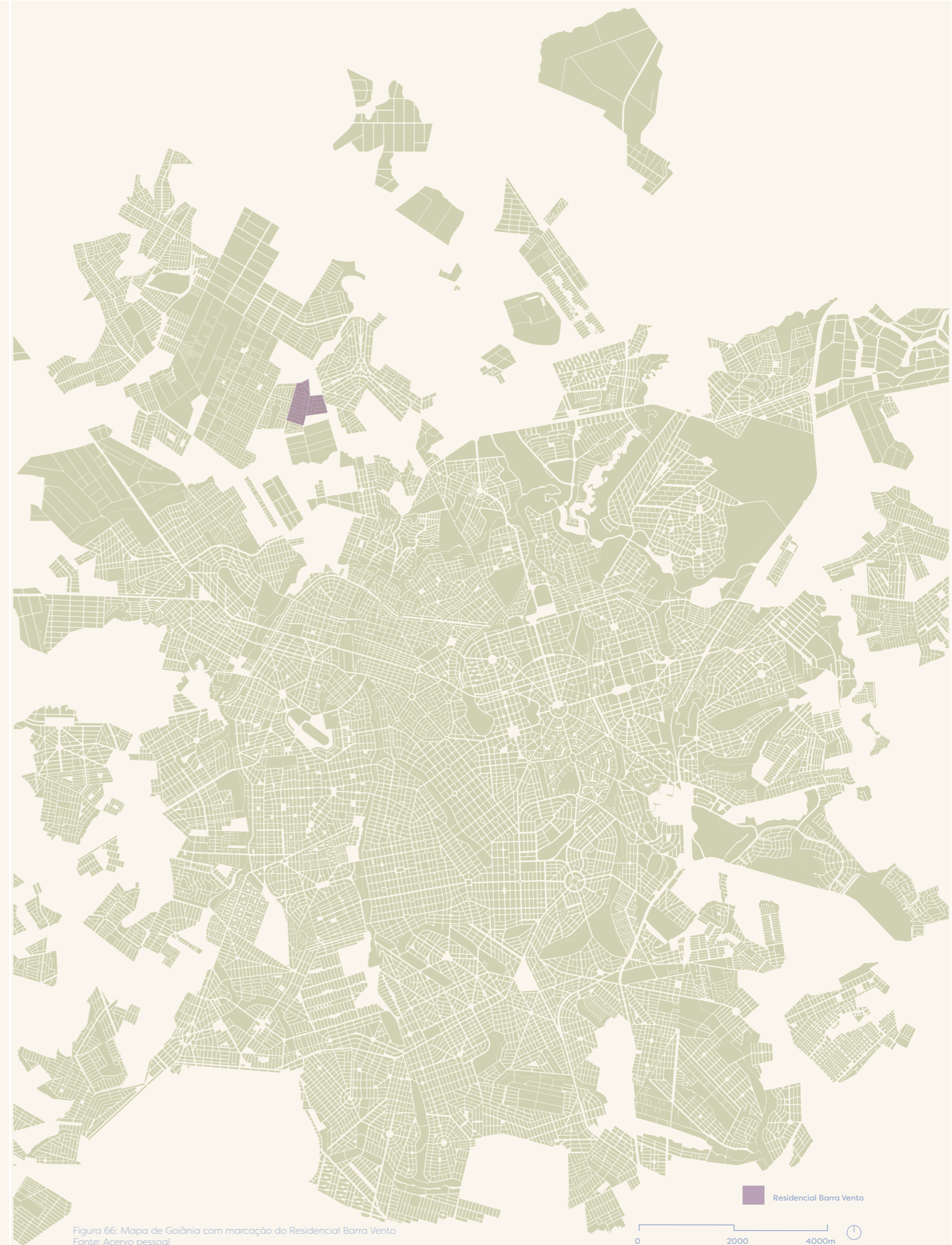
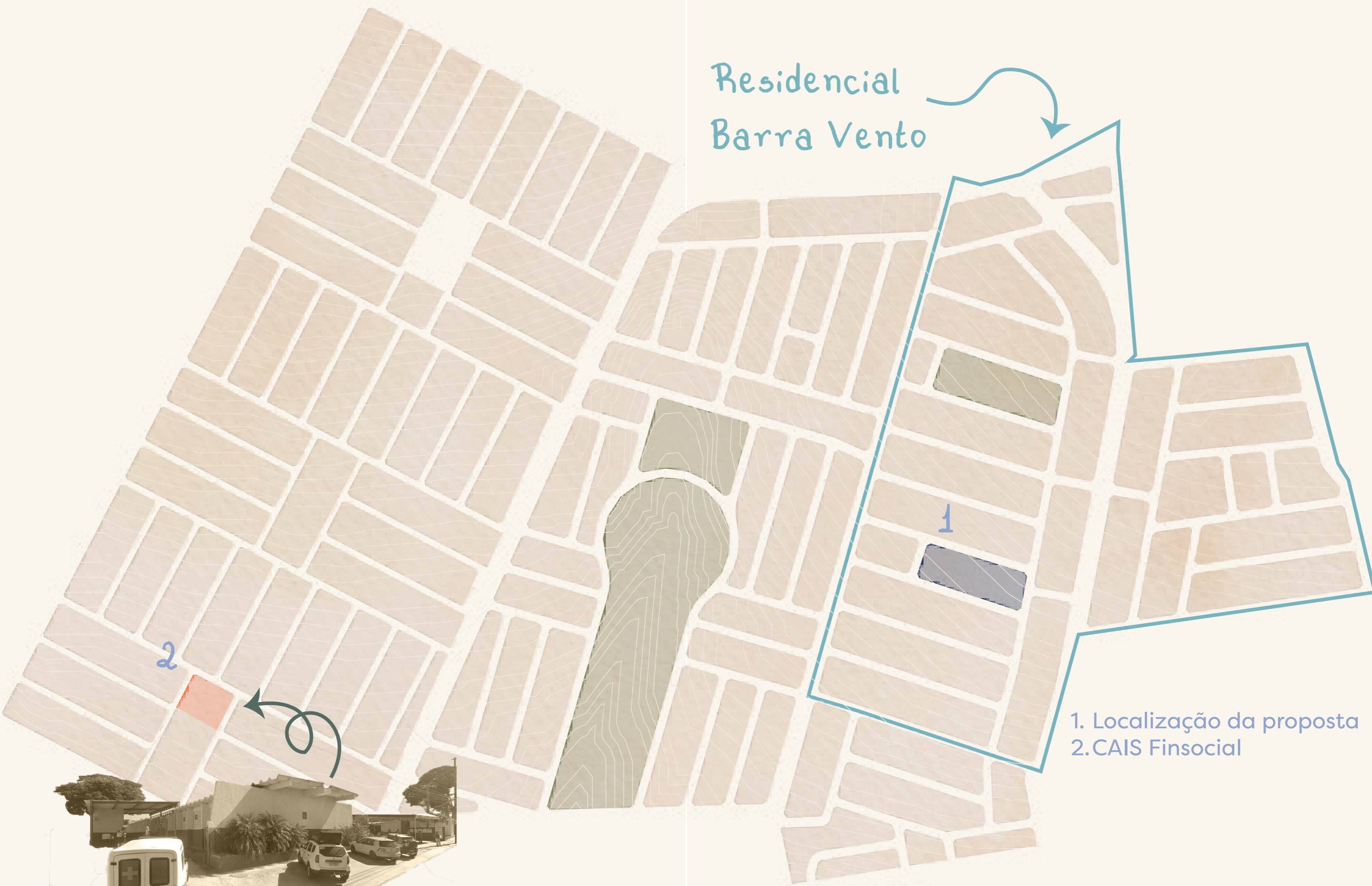


Figura 66: Mapa de Goiânia com marcação do Residencial Barra Vento
Fonte: Acervo pessoal

Residencial Barra Vento



- 1. Localização da proposta
- 2. CAIS Finsocial

Figura 67: Pontos de interesse.
Fonte: Elaborado pela autora.

Uso do solo e análise viária

"... uma coisa é o lugar físico, outra coisa é o lugar para o projeto. E o lugar não é um ponto de partida, mas é um ponto de chegada. Perceber o que é o lugar é já fazer o projeto."

Álvaro Siza

A partir da análise de uso do solo, percebe-se que o entorno abrangendo um raio de 300 metros do local da proposta é majoritariamente residencial. Inclusive os lotes que circundam o terreno são quase todos de uso residencial. O que torna a região muito acolhedora abrindo assim a possibilidade de criar uma comunidade que abrigue a proposta e os usuários.

A análise viária corrobora para a percepção de uma região acolhedora visto que as vias são majoritariamente locais e coletoras facilitando a movimentação de pedestres no entorno do terreno escolhido.



Figura 68: Imagem satélite
Fonte: Google earth (modificado pela autora).

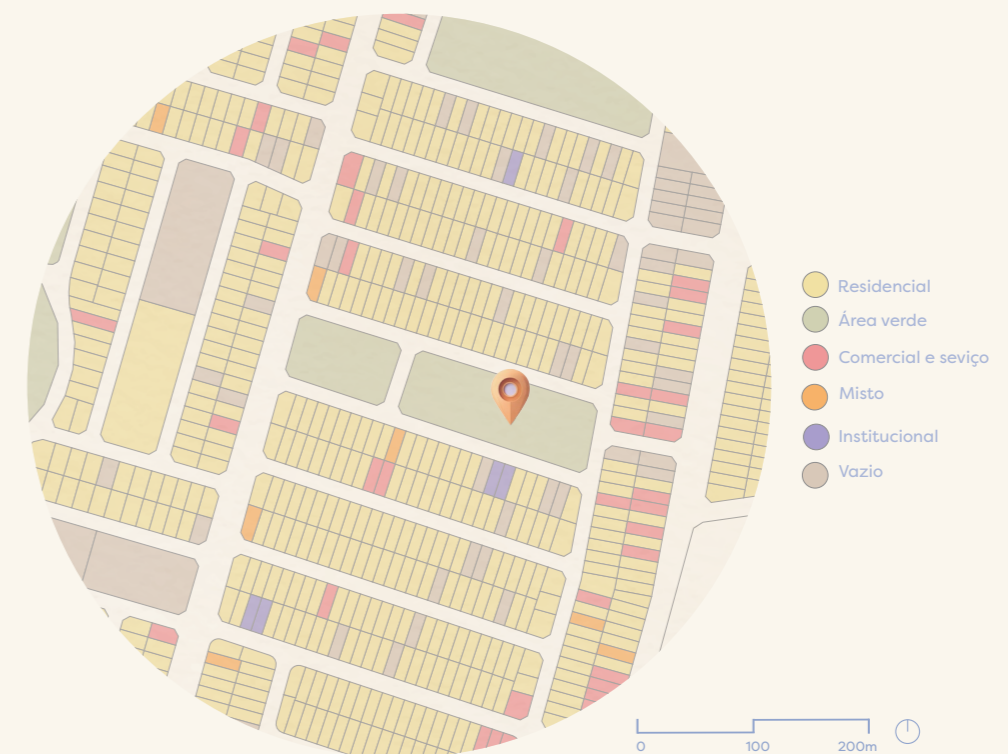


Figura 69: Mapa de usos.
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Google Maps.

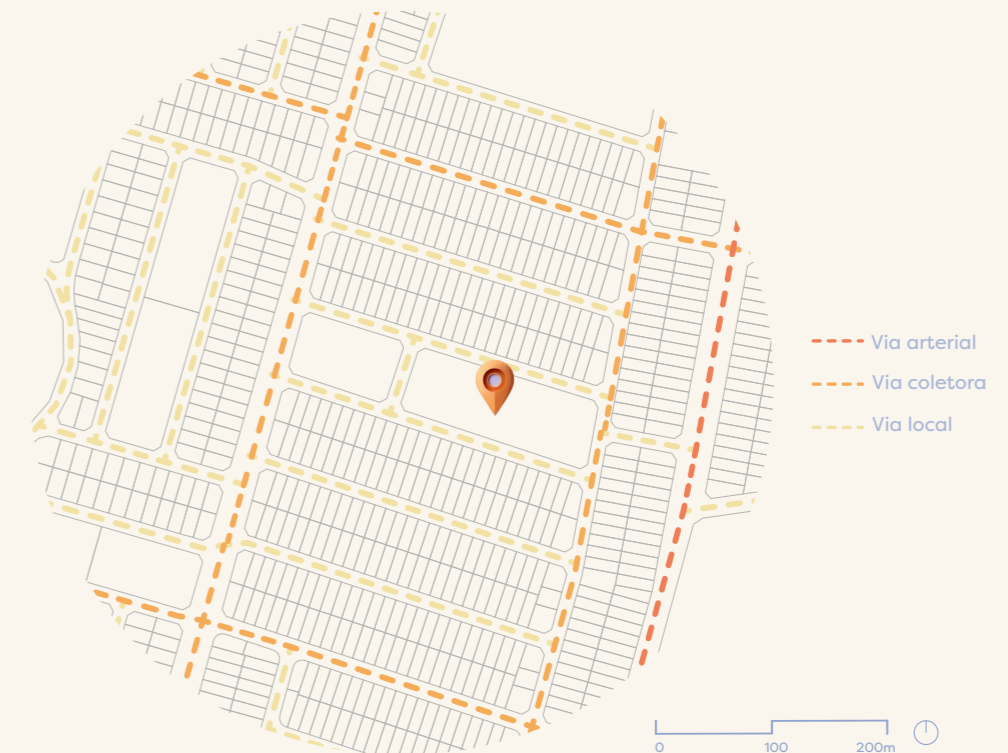


Figura 70: Análise viária.
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Google Maps.



equipamento lúdico improvisado

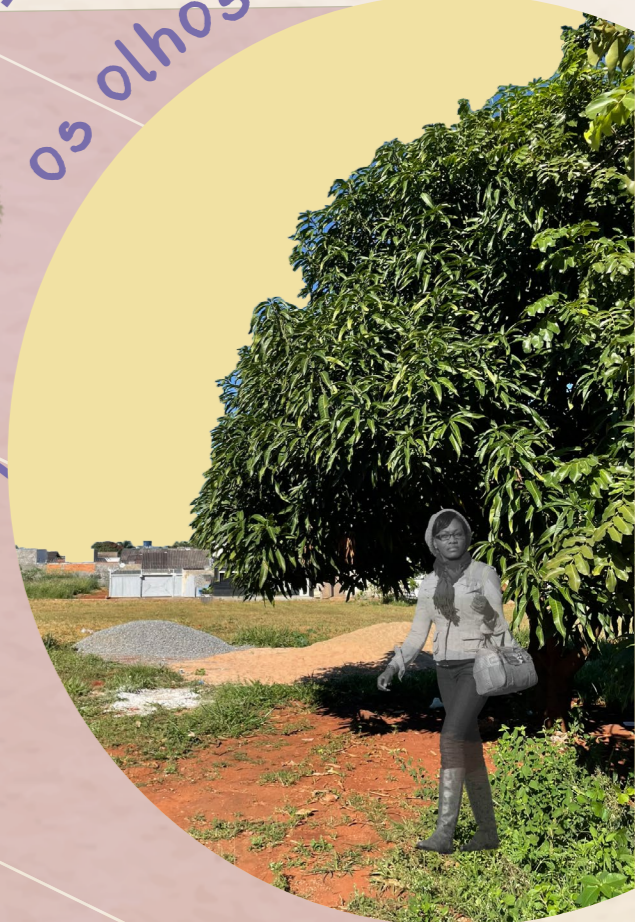


extensão dos quintais

frescor

receptividade

os olhos da rua



distanciamento

calor

Figura 71: Mapa psicogeográfico
Fonte: Elaborado pela autora.

Volume do entorno e paisagem

As construções do entorno são térreas em sua maioria, evidenciando o caráter residencial e trazendo um direcionamento para o desenvolvimento do projeto. É importante observar esse volume do entorno para que a intervenção não destoe muito em termos de altura.



Figura 72: Fotografia 1
Fonte: Acervo pessoal



Figura 73: Fotografia 2
Fonte: Acervo pessoal



Figura 74: Fotografia 3
Fonte: Acervo pessoal



Figura 75: Fotografia 4
Fonte: Acervo pessoal

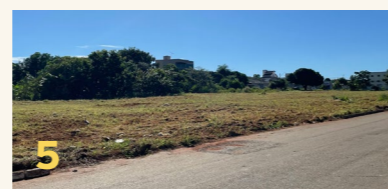


Figura 76: Fotografia 5
Fonte: Acervo pessoal

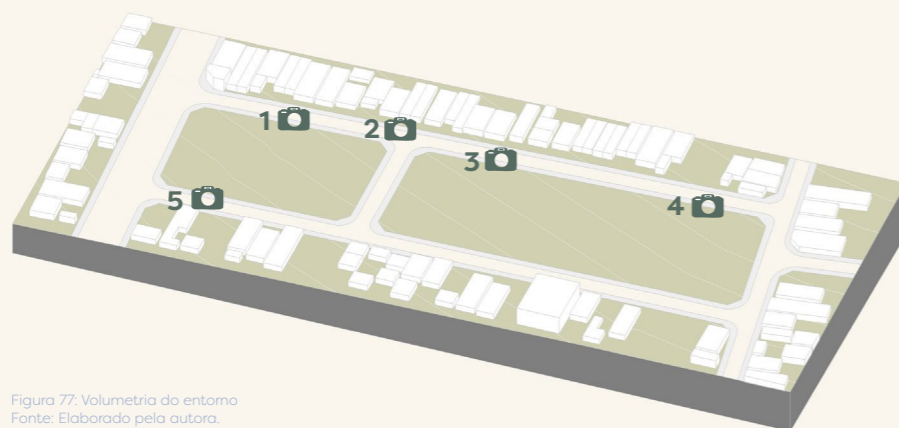


Figura 77: Volumetria do entorno
Fonte: Elaborado pela autora.

Topografia, insolação e ventos

O terreno escolhido é amplo, com uma área de 5036,29m² e possui um pequeno declive em direção a oeste. O declive é de 3 metros com aproximadamente 4% de inclinação. O maior sentido do terreno está voltado para sudeste e nordeste.

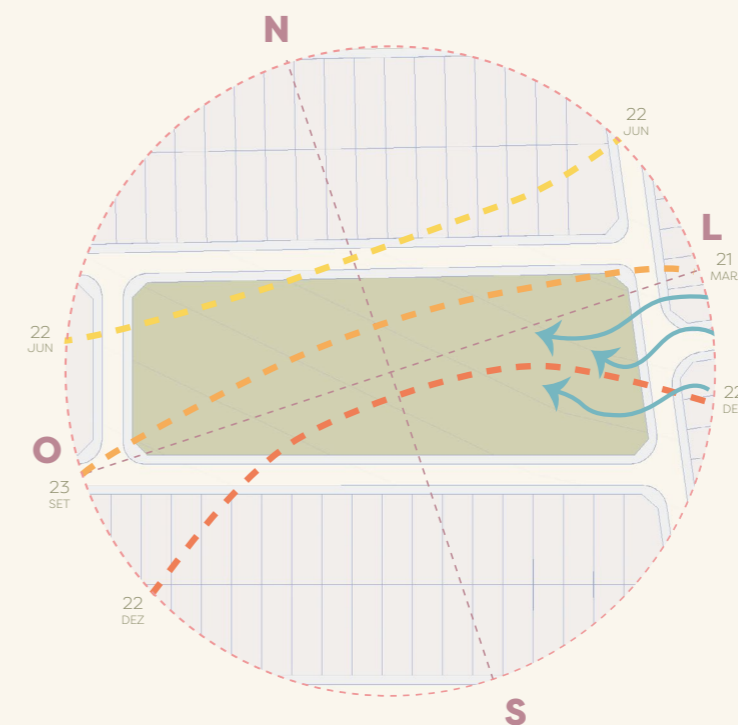


Figura 78: Diagrama de insolação e ventos
Fonte: Elaborado pela autora.

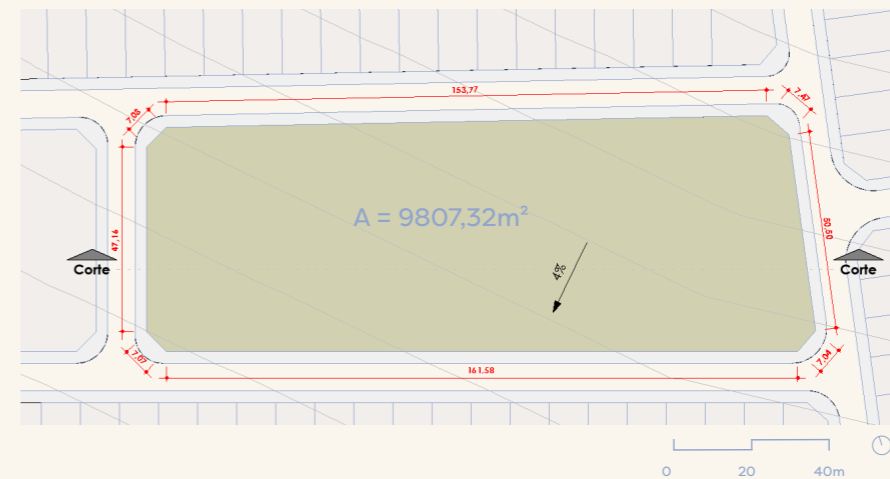


Figura 79: Diagrama de topografia.
Fonte: Elaborado pela autora.

06

**Costurando
histórias no espaço**

Programa de necessidades

A composição do programa de necessidades do centro intergeracional parte da convivência entre cada público e da necessidade de cada um deles. O conhecimento disso se deu através do referencial teórico. Além disso, baseia-se nos estudos de caso e na RDC N° 502.

Foi definida uma organização de ambientes com quatro principais setores: acolhimento e administração, creche, ILPI e os espaços intergeracionais. A partir disso foram calculadas as áreas considerando com 30 crianças na creche e 20 idosos habitando a ILPI. A graduação de espaço público foi incluída na proposta então mesmo dentro de cada setor existem espaços de convivência reduzidos e espaços mais íntimos. Da mesma forma que existem agrupamentos na creche, os dormitórios serão organizados por 4 grupos de 5 pessoas, cada um com seu quarto, mas com áreas comuns em cada grupo.

O terreno é muito grande e o programa não ocupa toda a área disponível, isso porque as atividades em área externa serão importantes para a proposta. Criando também um afastamento quando necessário para garantir a privacidade dos usuários ao mesmo tempo que convida a comunidade para interagir com o que é externo, mantendo a vegetação existente sempre que possível.

As áreas externas estão apresentadas no programa de necessidades mas elas não foram incluídas para o cálculo de área construída.

QUADRO SÍNTESE
PROGRAMA/PRÉ DIMENSIONAMENTO

SETOR	COMPARTIMENTO	QTD	ÁREA UNIT (m²)	ÁREA ÚTIL	ÁREA CONSTRUÍDA
acolhimento, administração e serviços	recepção	1	64,49	64,49	
	secretaria	1	14,74	14,74	
	enfermaria	1	14,74	14,74	
	sanitário coletivo	2	5	10	
	sala de reuniao	1	30	30	
	depósito	1	14,47	14,47	
	copa	1	80	80	
	vestiários	2	25	50	
	DML	1	11,3	11,3	
	central de resíduos	1	6,64	6,64	
	central de gás	1	8,19	8,19	
	estacionamento	1		0	
	lavanderia	1	26,78	26,78	
acesso de carga e descarga	1	20	20		
sub total			321,35	351,35	456,755

SETOR	COMPARTIMENTO	QTD	ÁREA UNIT (m²)	ÁREA ÚTIL	ÁREA CONSTRUÍDA
espaços intergeracionais	atelês	5	34,44	172,2	
	recepção secundária	1	28,42	28,42	
	sala multiuso (teatro)	1	31,58	31,58	
	sala multiuso (exposição)	1	34,68	34,68	
	cozinha experimental	1	17,73	17,73	
	auditório	1	101,16	101,16	
	sanitário	2	16,3	32,6	
	vestiário	2	21,16	42,32	
	coworking	1	24,7	24,7	
	cozinha industrial (pré higienização, depósito, câmara fria, cocção)	1	46,93	46,93	
	refeitório	1	108,42	108,42	
sub total			465,52	640,74	1045,43

SETOR	COMPARTIMENTO	QTD	ÁREA UNIT (m²)	ÁREA ÚTIL	ÁREA CONSTRUÍDA
ILPI	dormitório individual e banheiro	20	23,24	464,8	
	sala intima/cozinha	5	44,85	224,25	
	biblioteca	1	24,52	24,52	
	sala de convivencia	1	15,35	15,35	
	sala de pilates/fisioterapia	1	29,59	29,59	
	sala de dança	1	78,12	78,12	
	sanitário coletivo	2	9,78	19,56	
	enfermaria	1	14,81	14,81	
sub total			240,26	871	1496,19

SETOR	COMPARTIMENTO	QTD	ÁREA UNIT (m ²)	ÁREA ÚTIL	ÁREA CONSTRUÍDA
área externa	deck	1	44,86	44,86	
	piscina adulto	1	66,76	66,76	
	piscina infantil	1	32,78	32,78	
	jardim sensorial	1	129,3	129,3	
	parquinho	1	230,32	230,32	
	academia ao ar livre	1	200	200	
	pomar comunitário	1	405,27	405,27	
sub total			1109,29	1109,29	1442,077

SETOR	COMPARTIMENTO	QTD	ÁREA UNIT (m ²)	ÁREA ÚTIL	ÁREA CONSTRUÍDA
creche	acolhimento psicopedagógico	1	17,28	17,28	
	agrupamentos	4	25,83	103,32	
	pátio coberto	1	78,54	78,54	
	sala de musicoterapia	1	28,3	28,3	
	sala de dança/teatro	1	28,3	28,3	
	sanitário	2	8,34	16,68	
sub total			121,65	272,42	366,53

total				2135,51	3268,12
-------	--	--	--	---------	---------

Tabela 01: Pré dimensionamento.
Fonte: Elaborado pela autora.

Fluxograma

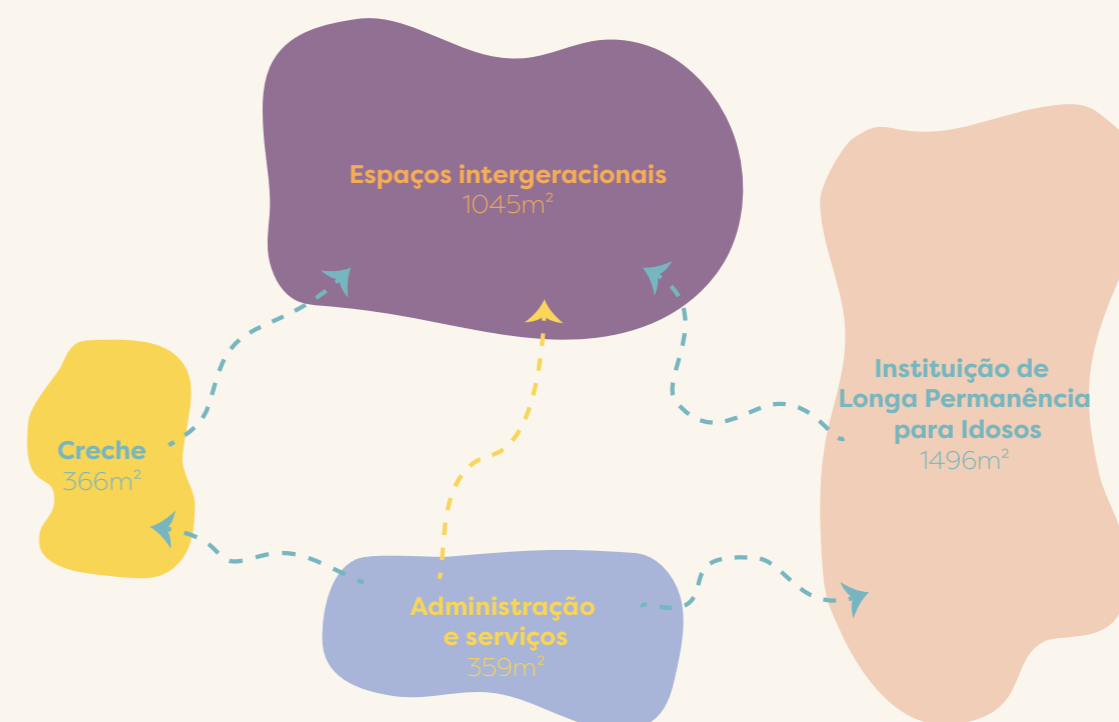


Figura 80: Diagrama de setorização e fluxos.
Fonte: Elaborado pela autora.

Diretrizes e partido

A brincadeira precisa de um espaço. Pensar esse espaço a partir do usuário foi o que motivou o partido desse projeto. São dois públicos diferentes com a proposta da arquitetura como elo entre as gerações, como uma colcha de retalhos unindo tecidos, histórias, vivências. A conexão das edificações propostas foi o que influenciou na escolha da forma. A curva representa visualmente uma conexão mais natural. A ideia é trazer formas curvas nas edificações também, para que conversem com as passarelas. Para além desse primeiro pensamento ligado à composição formal, o movimento trazido pela curva é natural, a linha reta não representa tanto movimento.

Como uma música o lugar da brincadeira, o círculo mágico convida os usuários a dançar, como quem diz: “sinta-se livre, aqui pode brincar, andar, correr, descansar, tudo o que quiser fazer, pois esse é o seu lugar”. O acolhimento das formas orgânicas também está incluído no desenvolvimento projetual.

A escolha do lugar se baseou principalmente no fato de que os moradores já se apropriaram do lugar de forma lúdica, por isso o projeto não foi desenvolvido pensando apenas no que entorno pode entregar, mas como esse equipamento pode fazer parte da vida da população que reside ali, com a intenção de criar pertencimento. Por isso áreas externas que acolhem qualquer pessoa independente de ser contemplada com a matrícula ali, pode descansar debaixo de uma árvore, pode plantar, colher, as crianças podem brincar no parquinho. Os encontros podem acontecer de forma livre, vinculando pessoas.

Ao pensar nas atividades, espaços e brincadeiras, a natureza não podia ficar de fora. Está presente nas áreas externas, convidando a comunidade para participar, mas também está presente dentro de cada bloco, e na conexão entre eles. Para além do conforto térmico, mas também por ele. Para trazer bem estar e saúde aos usuários, para tranquilizar quando for preciso.



Figura 81: Croqui ortogonal
Fonte: Elaborado pela autora.

Os primeiros estudos de volumetria e ocupação seguiam uma lógica ortogonal, porém as curvas foram mais interessantes ao pensar nas passarelas. Era importante que as passarelas fossem cobertas, representando o vínculo entre pessoas através da comunicação entre os blocos. Se as passarelas também fossem ortogonais, não teriam o mesmo efeito das passarelas curvas, e para encaixar nessa ideia, cada edificação foi pensada de forma circular.

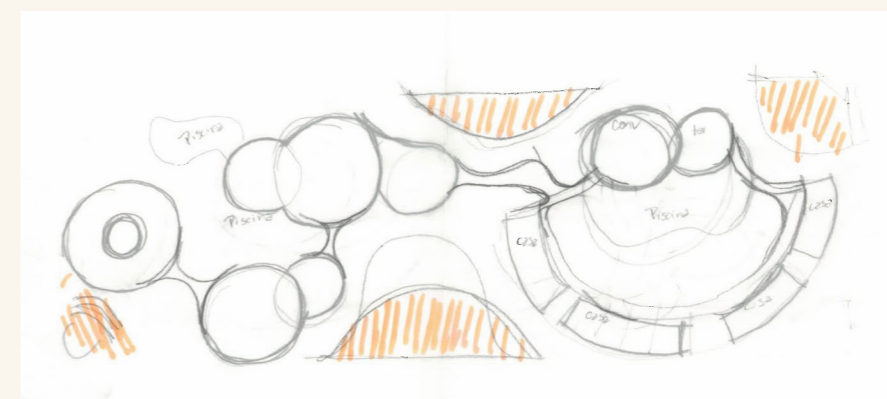


Figura 82: Croqui curvo
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 83: Croqui curvo
Fonte: Elaborado pela autora.

O círculo tem diversos significados, como um elemento que não tem início ou fim. Por isso também representa o ciclo da vida, que se torna evidente na união desses dois públicos. A centralidade também foi pensada no desenvolvimento do projeto, o centro do círculo, o centro do lar, o centro é onde os raios se encontram, o que atrai o olhar de usuários. É uma forma de unir as pessoas, um lugar dentro do próprio lugar.



Figura 84: Croqui paisagismo
Fonte: Elaborado pela autora.

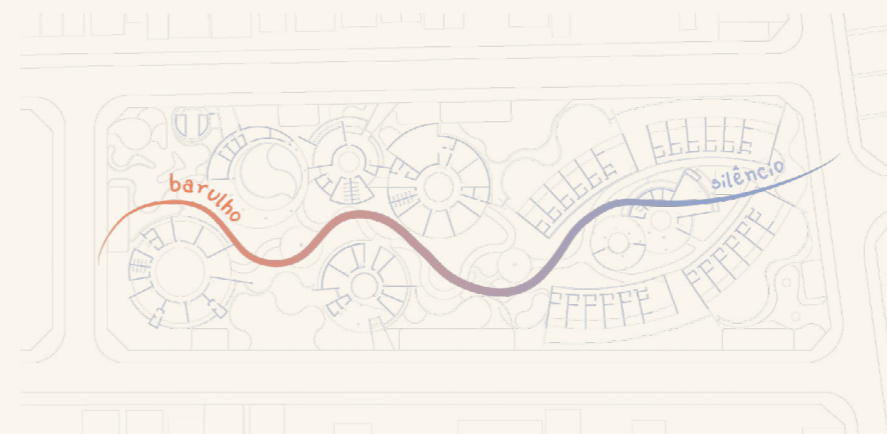


Figura 85: Diagrama silêncio e barulho
Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de todo o projeto estar baseado na ideia de vincular e unir os dois públicos, há momentos em que cada um precisa de atividades específicas. Pensando nisso, a ocupação foi distribuída de modo a ter zonas de silêncio e zonas de barulho, o som aumenta gradativamente à medida em que o usuário se aproxima da fachada oeste. Atividades mais tranquilas ou mais agitadas de acordo com cada região, a vegetação também abafando um pouco os sons perto da Instituição de Longa Permanência são exemplos.

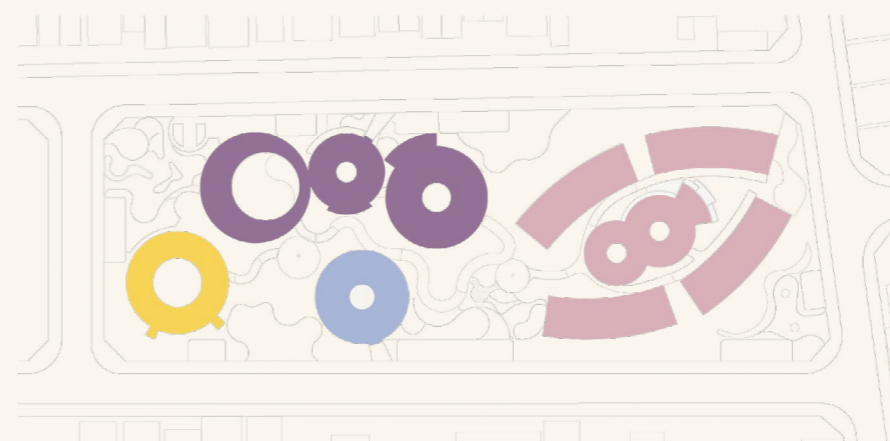


Figura 86: Diagrama de setorização
Fonte: Elaborado pela autora.

- Administração
- Creche
- Centro Intergeneracional
- Instituição de Longa Permanência para Idosos

Estudo preliminar

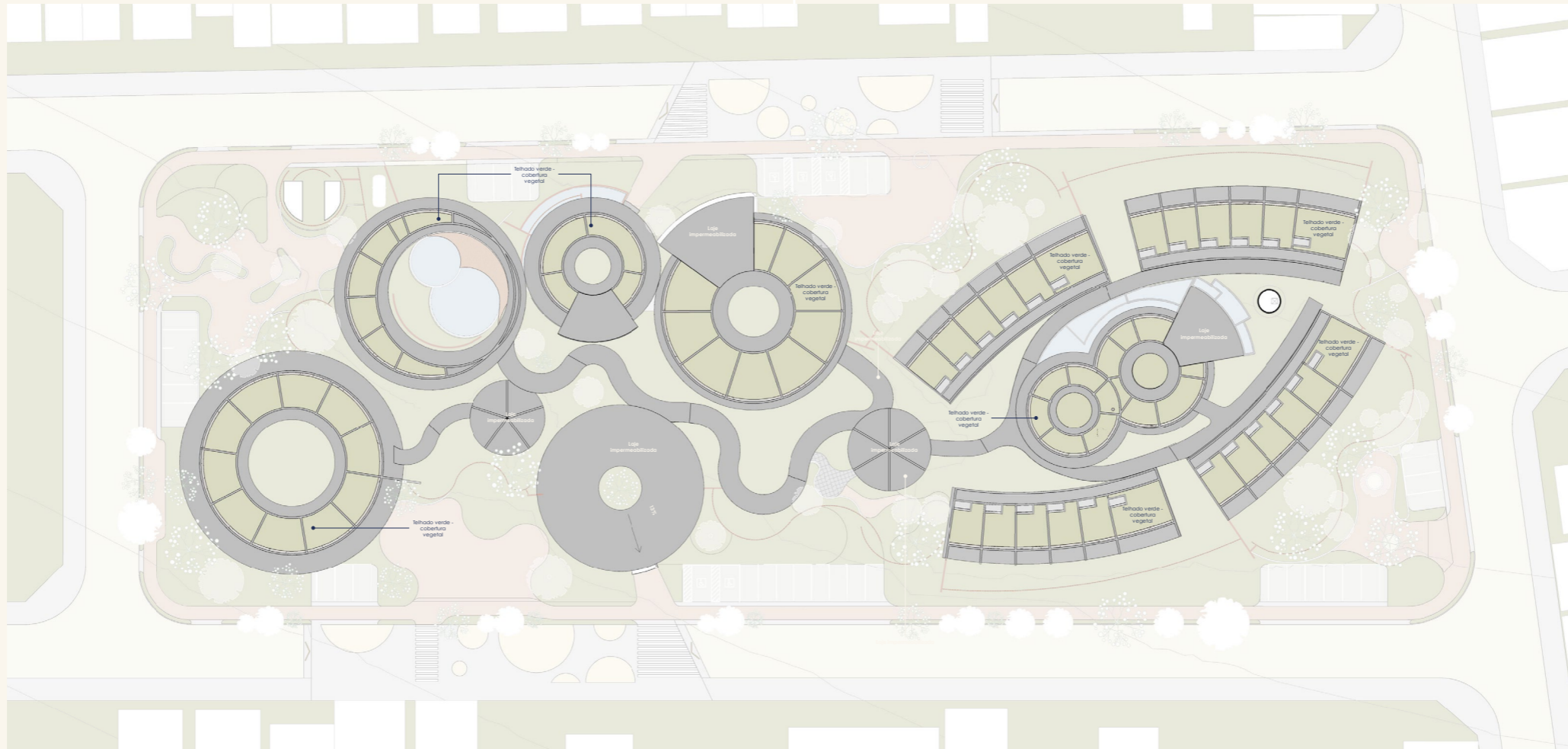


Implantação

- 1 Acolhimento e administração
 - 2 Creche
 - 3 Central de gás/resíduos
 - 4 Centro intergeracional
 - 5 Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)
 - 6 Reservatório de água
- Acesso pedestres

Área do terreno = 9807,32 m²
 Área construída = 4703,54 m²
 Área permeável = 4316,13 m²
 Taxa de permeabilidade = 44%





Planta de cobertura





Planta de topografia



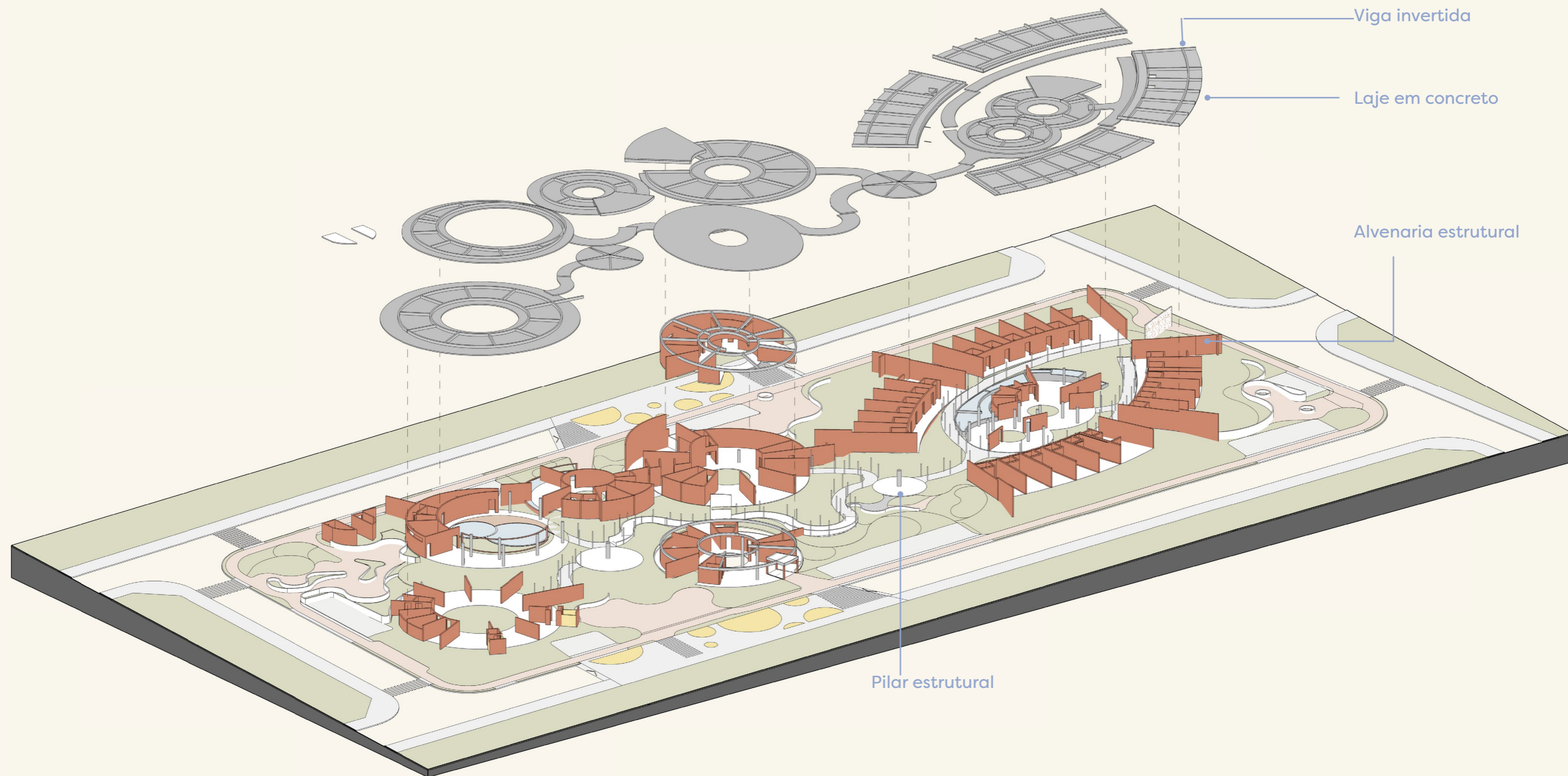
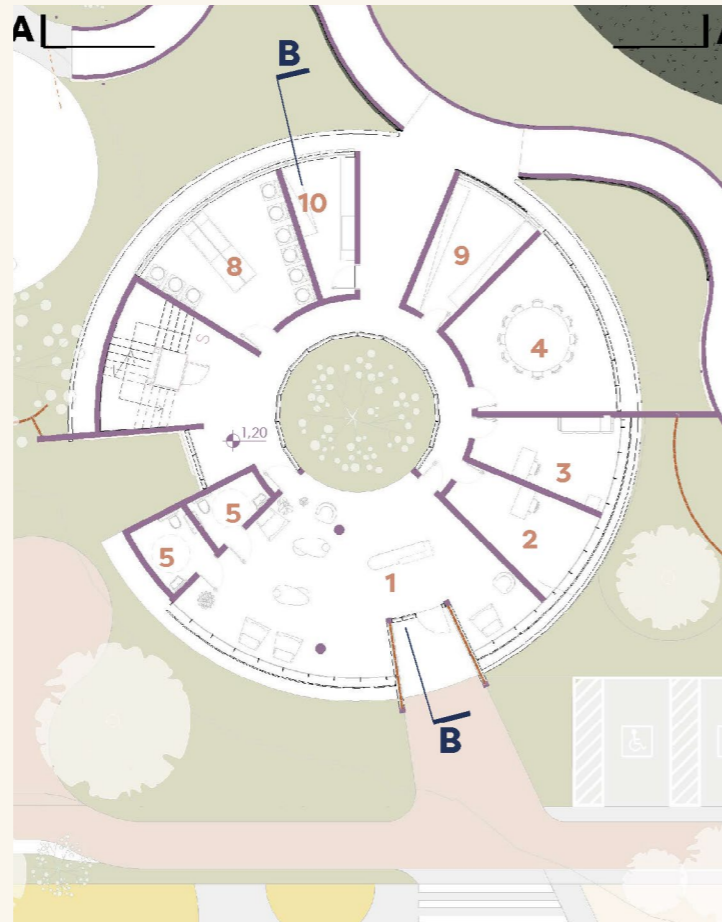


Diagrama - Concepção estrutural

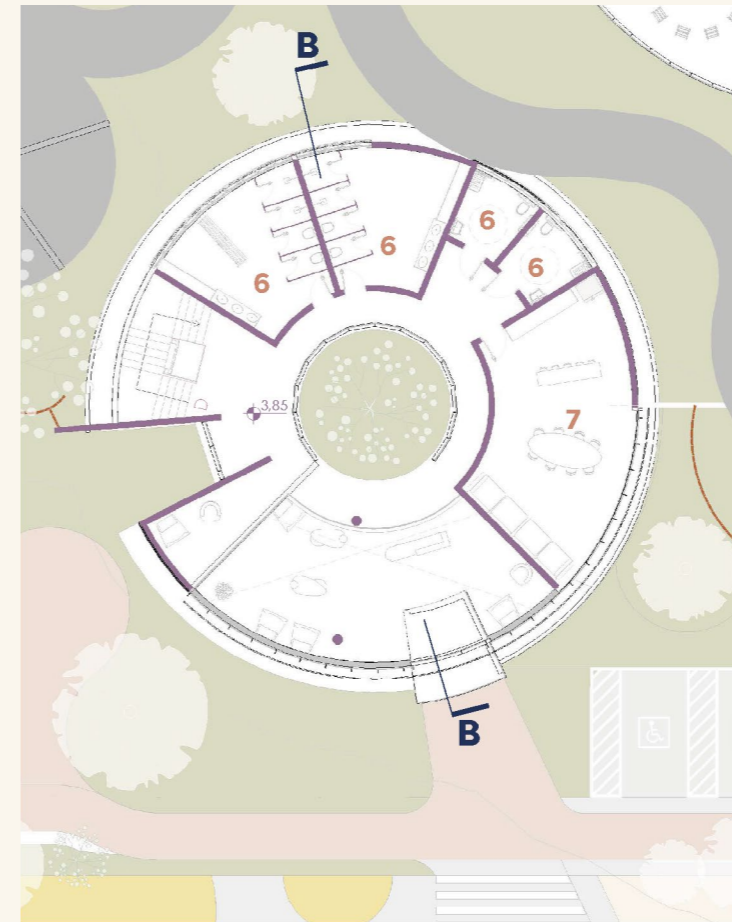
Figura 87: Acesso principal
Fonte: Elaborado pela autora.



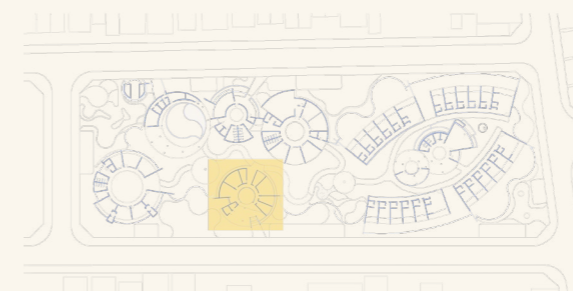


Planta baixa - Acolhimento e administração térreo

- 1 Recepção
- 2 Secretária
- 3 Enfermaria
- 4 Sala de reunião
- 5 Sanitário coletivo
- 6 Vestiário
- 7 Copa
- 8 Lavanderia
- 9 Depósito
- 10 DML



Planta baixa - Acolhimento e administração primeiro pavimento



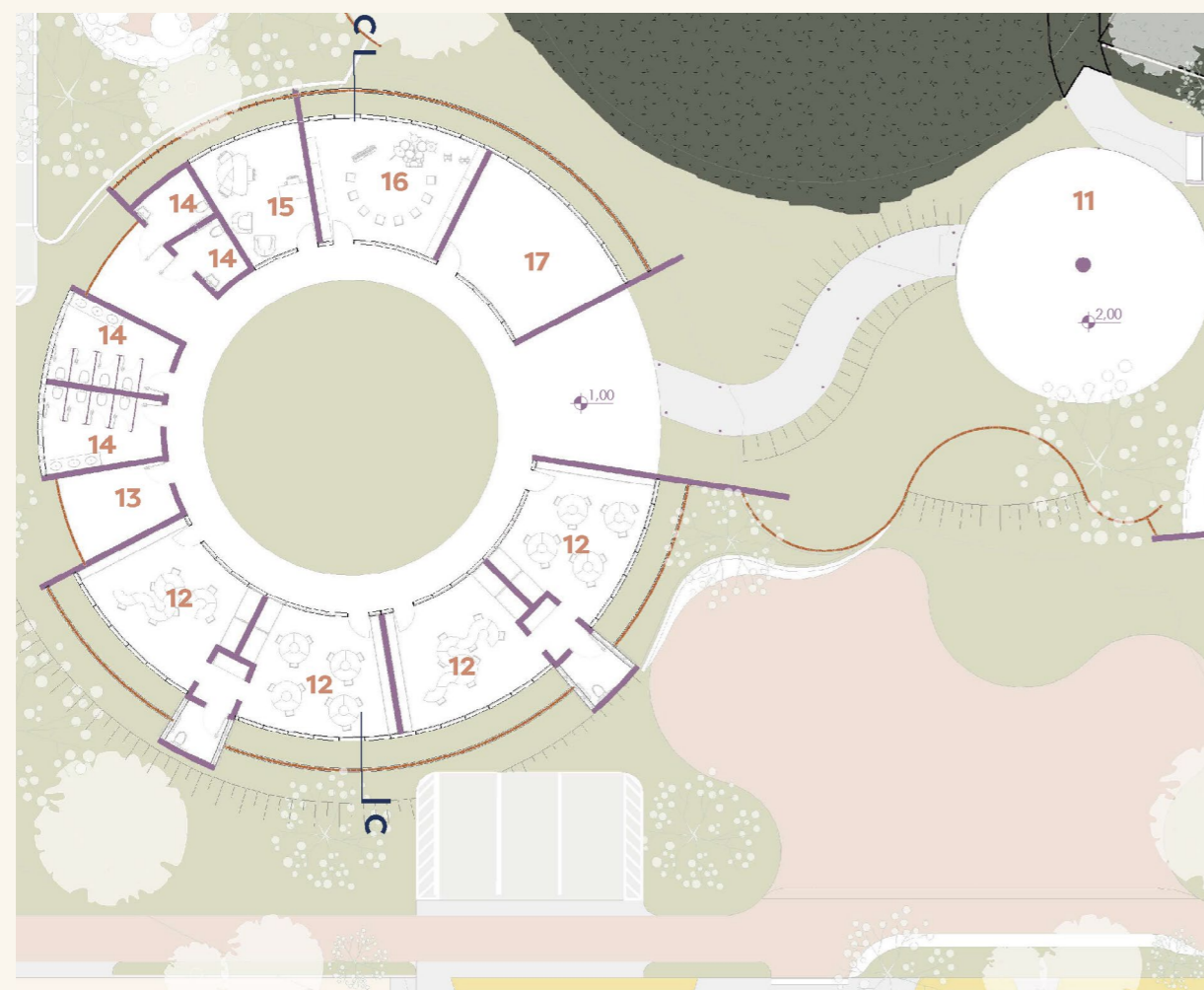
Planta chave



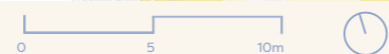
Figura 88: Acesso principal
Fonte: Elaborado pela autora.



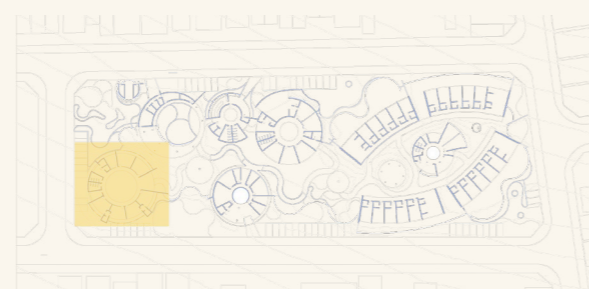
Figura 89: Recepção
Fonte: Elaborado pela autora.



Planta baixa - Creche



- 11 Pátio coberto
- 12 Sala de aula
- 13 Depósito/DML
- 14 Sanitário coletivo
- 15 Sala de apoio psicossocial
- 16 Sala de musicoterapia
- 17 Sala de dança/teatro



Planta chave



Figura 90: Pátio creche
Fonte: Elaborado pela autora.





Figura 92: Passarela de acesso à creche
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 93: Agrupamento
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 94: Sala multiuso
Fonte: Elaborado pela autora.

- | | |
|-------------------|-------------------------|
| 18 Cozinha e sala | 23 Convivência |
| 19 Quarto | 24 Sanitário coletivo |
| 20 Banheiro | 25 Pilates/fisioterapia |
| 21 Enfermaria | 26 Reservatório de água |
| 22 Sala de dança | |



Planta chave



Planta baixa - Instituição de Longa Permanência para Idosos





Figura 95: Passarela de acesso às residências
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 96: Convivência
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 97: Sala e cozinha
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 98: Convivência
Fonte: Elaborado pela autora.



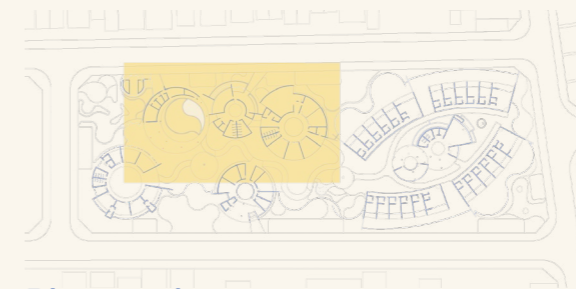
Figura 100: Varanda
Fonte: Elaborado pela autora.



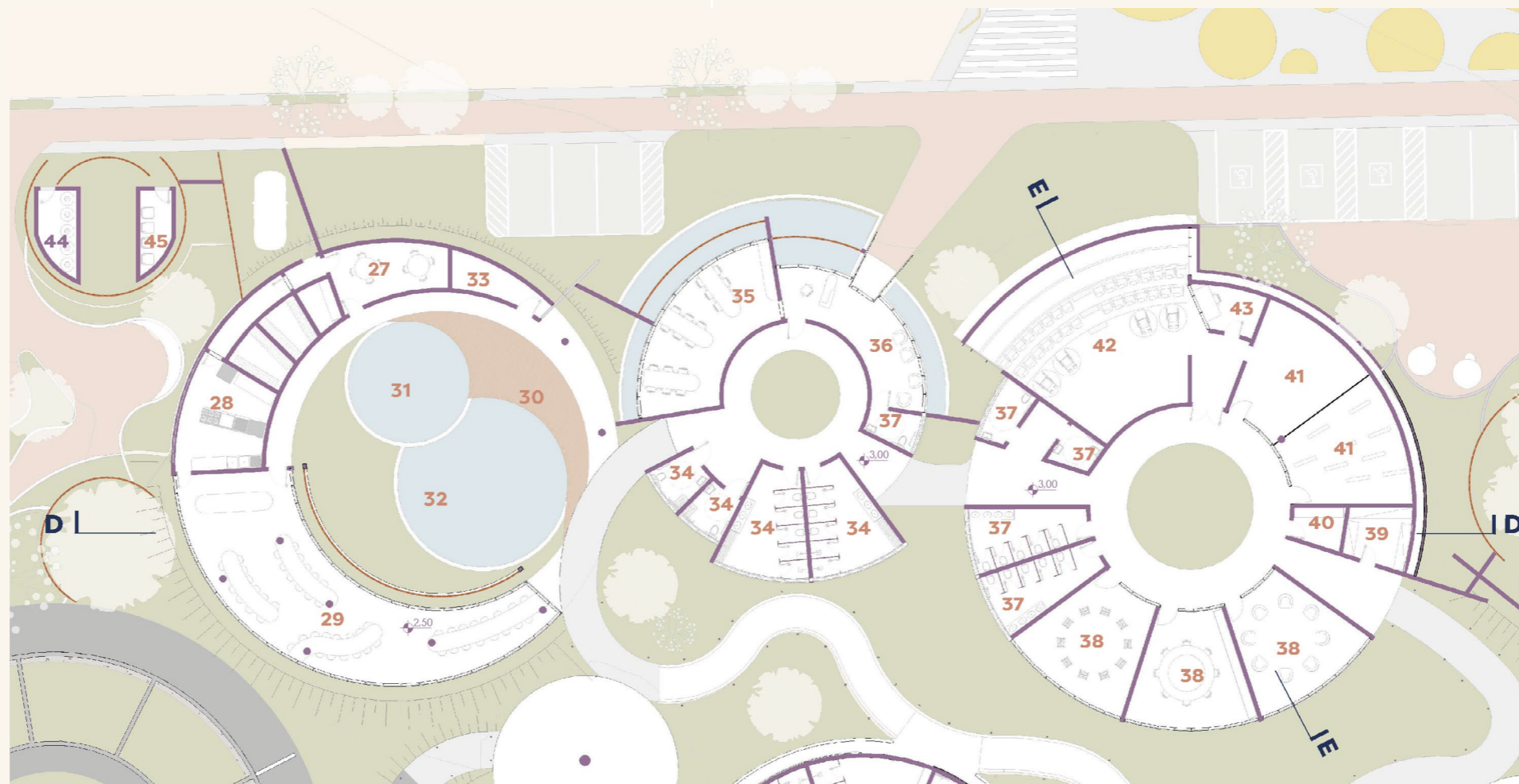
Figura 101: Quarto
Fonte: Elaborado pela autora.



- 27 Cozinha experimental
- 28 Cozinha industrial
- 29 Refeitório
- 30 Deck
- 31 Piscina infantil
- 32 Piscina adulto
- 33 Casa de bombas
- 34 Vestiário
- 35 Coworking
- 36 Recepção secundária
- 37 Sanitário coletivo
- 38 Ateliê
- 39 Depósito
- 40 DML
- 41 Sala multiuso
- 42 Auditório
- 43 Sala técnica
- 44 Central de gás
- 45 Central de resíduos



Planta chave



Planta baixa - Centro intergeracional







Figura 104: Ateliê de cerâmica
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 104: Ateliê de pintura
Fonte: Elaborado pela autora.



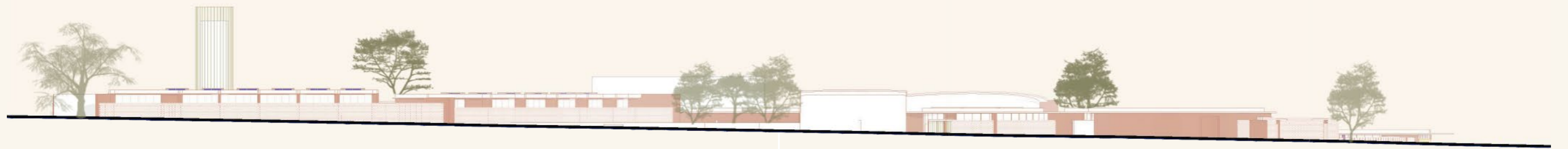
Figura 105: Passarela do fundo dos ateliês
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 106: Piscina
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 107: Refeitório
Fonte: Elaborado pela autora.



Fachada Norte



Fachada Sul



Fachada Leste



Fachada Oeste





Figura 108: Fachada leste
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 109: Fachada oeste
Fonte: Elaborado pela autora.





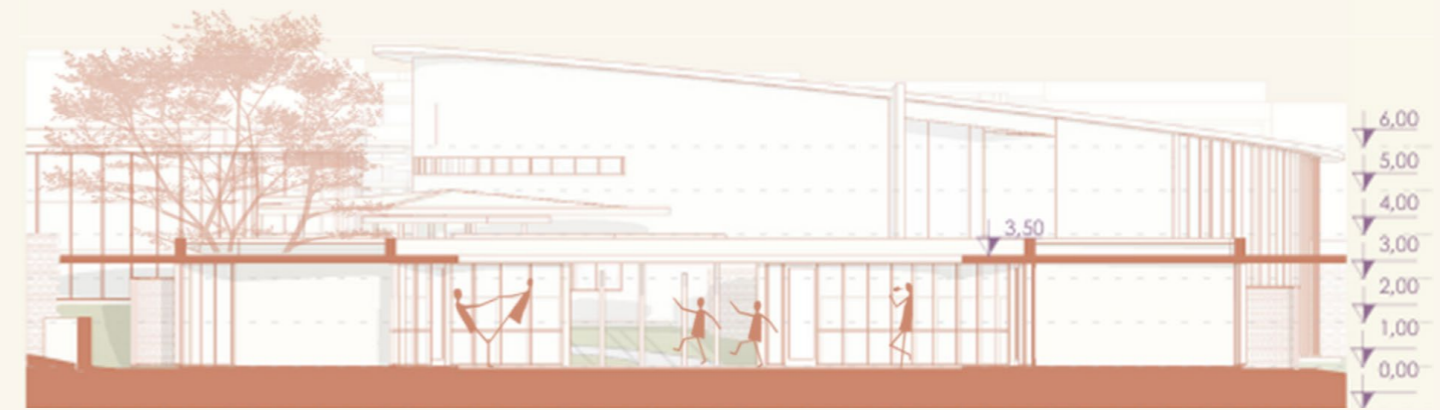
Corte AA

0 5 10m



Corte BB

0 2 4m



Corte CC

0 2 4m

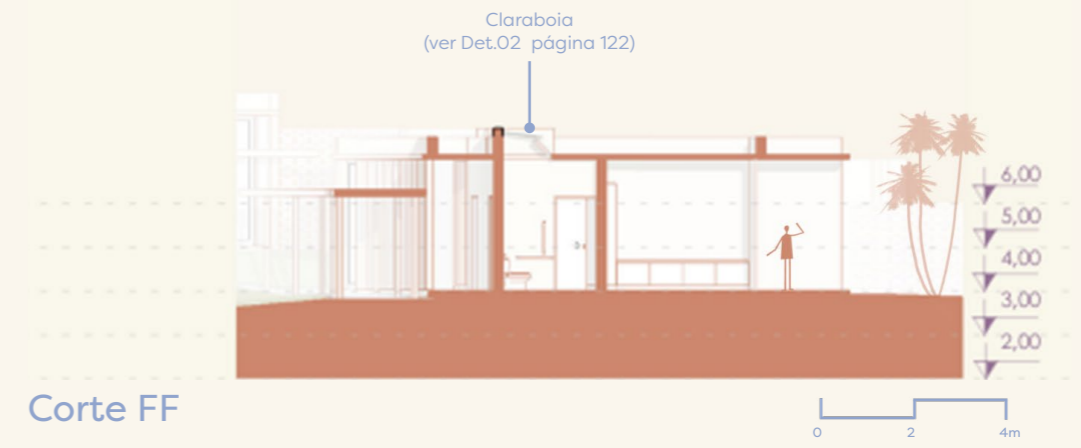
4,00
Nível 1
1,00
Nível 0
0,00

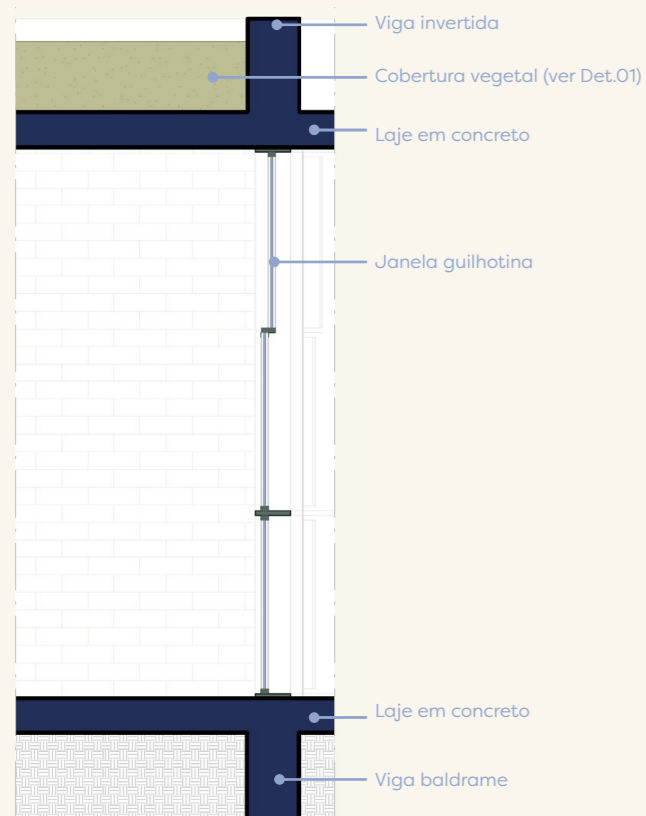
4,00
Nível 1
1,00



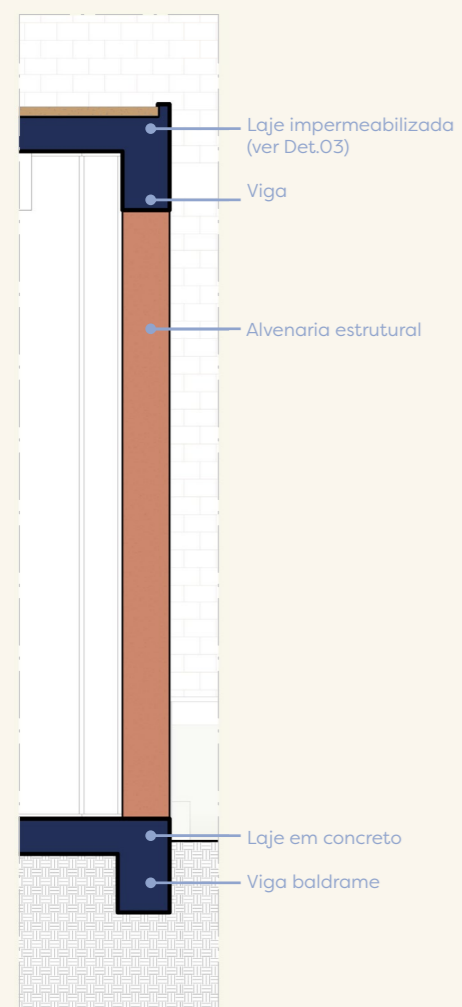
Corte DD

0 2 4m

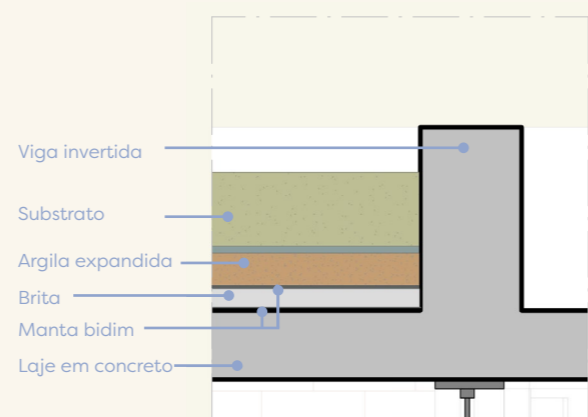




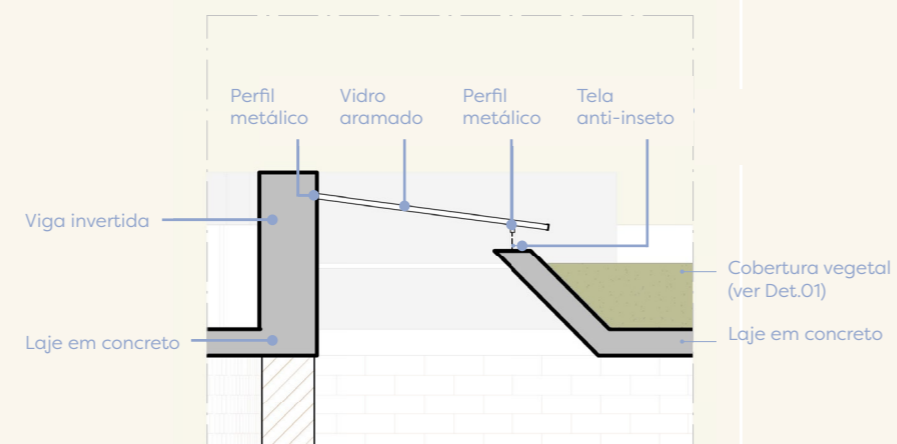
Corte de Pele 1



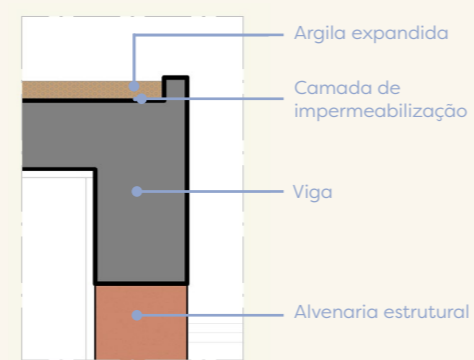
Corte de Pele 2



Det.01 - Telhado verde



Det.02 - Claraboia ILPI



Det.03 - Laje impermeabilizada



Figura 110: Telhado verde
Fonte: Elaborado pela autora.





Figura 112: Diagrama isométrico
Fonte: Elaborado pela autora.



pomar comunitário



parquinho



jardim sensorial



academia ao ar livre



espaço de contemplação

Figura 113: Pomar comunitário
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 114: Pomar comunitário
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 115: Pomar comunitário
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 116: Pomar comunitário
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 117: Pomar comunitário
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 118: Parquinho
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 119: Parquinho
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 120: Parquinho
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 121: Parquinho e rua comunitária
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 122: Academia ao ar livre
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 123: Academia ao ar livre
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 124: Academia ao ar livre
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 125: Espaço de contemplação
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 126: Espaço de contemplação
Fonte: Elaborado pela autora.

07

**Legado de
saberes**

Moral da história

O caminho percorrido para chegar até aqui foi muito enriquecedor, sem dúvidas. Ao passar por temas tão cotidianos como crescer e envelhecer, pensar a arquitetura através dessa ótica exigiu uma sensibilidade por tangenciar a vida em fases que necessitam tanto de cuidado. Tanto na infância quanto na velhice, o acolhimento e o cuidado se fazem mais necessários do que nunca, em todos os aspectos, sobretudo na arquitetura.

Partir das pessoas, dos possíveis cenários, da vida que poderia acontecer ali dentro foi uma experiência incrível, considerando tantos aspectos técnicos e ao mesmo tempo tantos aspectos sensíveis. Além do aprendizado projetual, como não existia um edital do que entregar a curto prazo, fazer e refazer o cronograma também auxiliou para que o processo em si não fosse tão penoso. Traçar uma rota e ir adequando ao longo do percurso otimizou muita coisa.

O trabalho foi uma tentativa de traduzir afeto, vínculo, acolhimento e aconchego em arquitetura. Essa tentativa não finaliza com esse trabalho, mas também é um convite a pensar a partir disso e um ponto de partida para o início da minha vida profissional, e daqui carrego toda a bagagem, não apenas do trabalho de conclusão de curso, mas de tudo que aprendi, e de tudo que aprendi a aprender.

Referências Bibliográficas

A/LTA. **Ehpad + crèche RENNES**. [S.d.]. Disponível em: <<https://a-lta.fr/projets/ehpad-creche-rennes/>>. Acesso em: 13 abr 2025.

Archdaily. **Centro Infantil / Equipo de Arquitectura**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/967447/centro-infantil-equipo-de-arquitectura?ad_medium=gallery>. Acesso em: 17 abr 2025a.

Archdaily. **Creche + Residência da Terceira Idade / a/LTA**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-168455/creche-plus-residencia-da-terceira-idade-slash-a-slash-lta?ad_medium=gallery>. Acesso em: 13 abr 2025.

Archdaily. **El Porvenir Social Kindergarden / Giancarlo Mazzanti**. Disponível em: <https://www.archdaily.com/89896/el-porvenir-social-kindergarden-giancarlo-mazzanti?ad_medium=gallery>. Acesso em: 28 maio 2025.

Archdaily. **Escola Parque – EMEI Cleide Rosa Auricchio / Carolina Penna Arquitetos**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/977957/escola-parque-nil-emei-cleide-rosa-auricchio-carolina-penna-arquitetura-e-urbanismo?ad_medium=gallery>. Acesso em: 17 abr 2025.

Archdaily. **Maggie's Leeds Centre / Heatherwick Studio**. Disponível em: <https://www.archdaily.com/941540/maggies-leeds-centre-heatherwick-studio?ad_medium=gallery>. Acesso em: 15 abr 2025b.

Archdaily. **New Rest Valley Crèche / The MAAK**. Disponível em: <https://www.archdaily.com/1010177/new-rest-valley-creche-the-maak?ad_medium=gallery>. Acesso em: 17 abr 2025.

Archdaily. **Vila para Pessoas com Alzheimer / NORD Architects**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/974060/vila-para-pessoas-com-alzheimer-nord-archi->

[tects?ad_medium=gallery](#)>. Acesso em: 13 abr 2025c.

Archello. **Les Trèfles Primary School**. Disponível em: <<https://archello.com/project/les-trefles-primary-school#story-2>>. Acesso em: 15 jun 2025.

Barros, Manoel de. **Os exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **30 anos da LOAS e 18 anos do SUAS: a jornada da luta pela proteção social e pela garantia de direitos**. Brasília: MDS, 2023.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004**. Brasília: MDS, 2005. Reimpresso em maio de 2009.

Brasil. **Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005**. Dispõe sobre o funcionamento de Instituições de Longa Permanência para Idosos. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/ptbr/assuntos/legislacao/rdc/2005/rdc-283-05>. Acesso em: 21 abr 2025.

Ferraz, Marcelo Carvalho (org.). **Coleção Lina Bo Bardi**. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

Firmino Rabelo, Dóris. **A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos**. [S.l: s.n.], 2014. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/317459604>>.

Fontes, Ana. **As artes enquanto estratégias de intervenção da animação sociocultural na terceira idade**. Jun 2015.

França, Lucia Helena de Freitas Pinho e SILVA, Alcina Maria Testa Braz Da e BARRETO, Márcia Simão Linhares. **Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira?** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 13, n. 3, p. 519–531, Dez 2010.

Gorni, Marcelina. **SESC Pompeia Sensorial: experiência na exploração lúdica da arquitetura**. VISUALIDADES, p. 107–

137, Jun 2012.

Huizinga, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Helena Ruschel. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Lima, Mayumi Watanabe de Souza. **A cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

_____. **A criança e a percepção do espaço.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.31, p.73-80, 1979. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1668>>. Acesso em: 13 fev 2025.

Lopes Silva, Raimara. **Crianças pequenas e a pessoa idosa: contribuição intergeracional.** Revista Eletrônica Pesquiseduca, p. 618-633, Dez 2018.

Luchesi, Bruna Moretti e colab. **Social support and intergenerational contact: studying elderly patients with cognitive alterations.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 17, n. 3, p. 25597, 30 Set 2015.

Mandolini, Sara e Serrano, Eliane Patricia Grandini. **O papel da arte no desenvolvimento da criatividade em crianças da educação infantil: o que pensam e fazem os professores.** Revista Educação, Artes e Inclusão, v. 17, n. 2, p. 110-135, 24 Jun 2022.

Mendonça de Paiva Brito Mincolla, Karla e Messias Moreira, Alessandro e Auxiliadora Ávila, Maria. **Relações intergeracionais entre crianças e idosos: panorama das pesquisas Intergenerational relationships between children and the elderly: an overview of research.** v. 27, n. 1, p. 17-29, 2025. Disponível em: <<http://periodicos.unis.edu.br/index.php/interacaohttp://dx.doi.org/10.33836/Interacao.v27i1.938>>.

NORD Architects. **Alzheimer's Village Dax: A village designed for people living with Alzheimer's disease and dementia.** Disponível em: <<https://www.nordarchitects.dk/projects/alzheimers-village-dax/>>. Acesso em: 13 abr 2025.

Oliveira, Juliana. **Oficina integrada: uma abordagem na formação da criança pela arte Goiânia.** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?>>.

Pallasmaa, Juhani. **Habitar: ensaios sobre a experiência existencial de habitar nos dias de hoje.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Perspectiva, 2018.

_____. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos.** Tradução de Fernando Lourenço. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Pupo, Maria Lúcia de Souza Barros. **O lúdico e a construção do sentido.** Sala Preta, v. 1, p. 181-187, 28 Set 2001.

Rezende, Estella Ramos e Barboza, Ana Rosa Airão. **Benefícios dos Programas Intergeracionais para crianças e adolescentes com fatores de risco para transtornos mentais: Uma revisão integrativa.** Research, Society and Development, v. 13, n. 7, p. e0113746066, 30 Jun 2024.

Santos, Elza Cristina. **Dimensão lúdica e arquitetura: o exemplo de uma escola de educação infantil em Uberlândia.** Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Silva, Elisângela Valverde; Martins, Fábica; Bachion, Maria Márcia; Nakatani, Adélia Yaeko Kyosen. **Percepção de idosos de um centro de convivência sobre envelhecimento.** REME: revista mineira de Enfermagem, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 46-53, jan./mar. 2006.

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS